

O DÓLMEN 2 DE CHÃO REDONDO (SEVER DO VOUGA, AVEIRO): UM MONUMENTO COM ICONOGRAFIAS. RESULTADOS DOS TRABALHOS DE ESCAVAÇÃO E RESTAURO

Filipe João Carvalho dos Santos *
João Miguel André Perpétuo **
André Tomás Santos ***
Luís Filipe Coutinho Gomes **

RESUMO:

Apresentam-se os resultados da intervenção arqueológica levada a cabo pela firma ARQUEOHOJE no Monumento 2 de Chão Redondo (Sever do Vouga, Aveiro). Trata-se de um dólmen de características clássicas, com câmara e corredor de acesso diferenciados em planta e alçado, observando-se gravuras em alguns dos seus esteios. A importância da recente intervenção advém do facto de ter permitido definir convenientemente todo o processo e técnicas de construção envolvidas na edificação e posterior condenação deste túmulo, bem como a definição, na área fronteira do monumento, de zonas rituais e de acesso ao seu interior, assumindo estas um significado mais simbólico que propriamente funcional. Revêem-se ainda, à luz dos conhecimentos actuais e com base em novos levantamentos, as gravuras patentes nalguns dos esteios que compõem a câmara e corredor deste monumento.

Palavras-chave: Megalitismo, espaços simbólicos, arte, hermenêutica

ABSTRACT:

We present the results concerning the archaeological work carried on on Monument 2, in Chão Redondo (Sever do Vouga, Aveiro, Portugal), by the responsibility of ARQUEOHOJE company. The foregoing mentioned dolmen, presents quite conventional (classical) characteristics, with chamber and hall way different in layout and hoist. Engravings can be seen on some of their orthostats. This recent intervention is quite important, firstly because it was possible to define, in a satisfactory way, the whole set of processes and techniques used for the erecting and subsequent sealing off of this tomb. Secondly, a frontier-limit of the monument was settled, with areas for the rituals and accesses to its interior, imbued with a symbolic meaning rather than a functional one. Concerning the most recent data and studies, the rock engravings on the orthostats, which are part of the chamber and hallway of the monument, are re-visited.

Keywords: Megalithism, symbolic spaces, art, hermeneutics

* Arqueólogo (santos.philipe@gmail.com)

** Arqueólogos dos quadros técnicos permanentes da ARQUEOHOJE (perpetuo.j@gmail.com; coutinho.arqueohoje@mail.telepac.pt)

*** Parque Arqueológico do Vale do Côa Igespar I. P. (a.t.santos@sapo.pt)

1. INTRODUÇÃO

A necrópole megalítica de Chão Redondo é composta por dois monumentos de corredor separados por sensivelmente meia centena de metros, tendo sido implantada numa pequena plataforma localizada a meia encosta da vertente sudeste da Serra das Talhadas (Figs. 1 e 2), serra esta que corresponde ao prolongamento para sudoeste do “pequeno *horst* marginal” das Cruzes (Ferreira, 1978, 214) ainda integrado no Caramulo. É delimitada a noroeste pelo Vouga e a sudeste pelo Alfusqueiro – afluente do rio Águeda – e a oeste pela Plataforma Litoral¹.

Deve relevar-se o Monumento 2 de Chão Redondo, não só pelas suas dimensões, estado de conservação e valor patrimonial – necrópole classificada como Imóvel de Interesse Público desde 1998 –, como também pelos painéis de gravuras rupestres patentes em alguns dos monólitos que compõem a estrutura interna megalítica.

Trata-se de um elemento patrimonial de invulgar interesse regional e nacional que se mantinha praticamente votado ao abandono e ignorado pelo público em geral, apresentando-se muito arruinado, envolto por uma latada com pilares graníticos fincados nas suas estruturas e completamente entulhado desde a escavação tida pelo geólogo Albuquerque e Castro na década de 50 do século XX (Castro, 1960) (Fig. 10).

Ciente da necessidade da reabilitação do seu passado histórico, o Município de Sever do Vouga solicitou à firma Arqueohoje (Viseu) a realização de trabalhos de escavação, restauro e valorização do Dólmen 2 de Chão Redondo², os quais, aprovados no âmbito do II Quadro Comunitário de Apoio/LEADER II, sob gestão da ADRIMAG, se desenvolveram durante o primeiro semestre do ano de 2000³.

2. HISTÓRIA DAS PESQUISAS

A primeira intervenção digna de nota, por escavação arqueológica e publicação dos resultados obtidos, ocorreu nos finais da década de 50 do século passado pelas mãos de Luís de Albuquerque e Castro, Agente Técnico de Engenharia do Serviço de Fomento Mineiro. O mesmo haveria também de ser responsável pela única intervenção arqueológica ocorrida no monumento 1 de Chão Redondo (Castro, 1960)⁴.

Bastante activo nas lides arqueológicas, fruto, como o próprio refere, da sua própria vida profissional, é responsável pela identificação de um número considerável de monumentos megalíticos, destacando-se aqueles que, tal como os de Chão Redondo, se evidenciavam no concelho de Sever do Vouga (Castro *et alii*, 1957; Bettencourt, 1988/9).

Do que escreve sobre o Monumento 2 de Chão Redondo, dá-nos conta do seu grau de destruição, observando-se na primeira planta que apresenta a mutilação do montículo artificial no seu lado norte, bem como a falta de alguns dos esteios da câmara e corredor (Castro, 1960: 149, fig. 2).

¹ Uma série de observações topográficas levaram Brum Ferreira a concluir que um deslocamento tectónico é perceptível entre a Plataforma Litoral e o nível dos 450-500 m do Caramulo (Ferreira, 1978: 216).

² De salientar o particular empenho por parte do Presidente da Câmara, Dr. Manuel da Silva Soares, bem como da Dr^a Graciela Figueiredo, técnica superiora do município.

³ Superiormente autorizados pelo então denominado Instituto Português de Arqueologia (proc^o 99/1(727), of^o 04708, datado de 26.10.1999), sob responsabilidade científica de Luís Filipe Coutinho Gomes e Pedro Sobral de Carvalho. Para além dos autores do presente texto, articulando-se na orientação dos trabalhos de campo, os mesmos contaram ainda com a participação dos arqueólogos Artur Serra, Alexandre Valinho, Miguel Serra e António Pedro Batarda Fernandes.

⁴ Pela descrição que fez, fica-nos o registo de que no espaço que originalmente compunha a câmara funerária preservava-se um esteio completo, ainda hoje aflorando à superfície e incorporado num muro de vedação de propriedade que o atravessa. Do corredor, aberto a Sudeste, conservavam-se ainda três esteios de cada lado, apresentando-se os do lado poente partidos e deslocados. Do espólio exumado, escasso, arcaico e exclusivamente proveniente da área menos perturbada do corredor, destaque para dois machados de pedra polida em anfibolito, um micrólito triangular e uma lâmina, ambos em sílex, diversos fragmentos cerâmicos lisos e vinte e um pequenos seixos rolados em quartzito branco. A mamoa, proeminente e com cerca de 1 metro de altura, é de forma ovóide, variando o diâmetro entre os 12 e os 15 metros.

São os resultados da exclusiva escavação do interior do monumento – câmara e corredor ortostático –, como era comum na altura, que o mesmo refere. Ainda assim, dos treze esteios subsistentes, Albuquerque e Castro apenas dá conta de doze, não tendo identificado o primeiro do lado esquerdo da câmara – esteio 5.

Particular destaque deve ser dado à divulgação das gravuras ainda preservadas em três monólitos da câmara, numa pedra encontrada dentro dela e num dos esteios do corredor, pese embora o generalismo dos registos.

Do espólio exumado, escasso e exclusivamente recolhido no interior do corredor, o autor dá conta de duas lâminas em sílex, um provável fragmento de machado em xisto anfibólico, um fragmento cerâmico liso, um percutor em granito, dez seixos rolados em quartzito, bem como “vários fragmentos de matéria corante”.

Até à data da presente intervenção, as referências a este monumento foram bastante sucintas, sendo de destacar o registo mais pormenorizado, com base nas fotografias de Albuquerque e Castro (Castro, 1960), das manifestações artísticas por parte de Vera Leisner (Leisner, 1997: 114, est. 82), bem como de E. Shee (Shee Twohig, 1981: 149-150, figs. 35-36).

A intervenção arqueológica de Albuquerque e Castro é, como tantas outras, um reflexo da arqueologia nacional da época. Procuramos também nós, aqui, ser um reflexo da arqueologia portuguesa actual, denotando-se, assim esperamos, as diferenças ao nível da metodologia, do conhecimento claro das estruturas e da interpretação que delas fazemos, assim como se renova o estudo das iconografias deste importante monumento.

3. CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

A necrópole de Chão Redondo enquadra-se num vasto conjunto de monumentos do género, excedendo as três dezenas na actual área administrativa do concelho de Sever do Vouga, agrupados ou isolados na paisagem montanhosa da bacia hidrográfica do rio Vouga, entre as Serras do Arestal e das Talhadas, sendo de destacar a necrópole da Cerqueira, composta por nove monumentos (Bettencourt, 1989), a de Souto do Coval e Santo Adrião, respectivamente com três e dois monumentos ainda preservados (Pêgo, 2002), bem como a de Portela do Carrazedo, surgindo a Anta da Capela dos Mouros como o mais importante de um conjunto de três ainda observáveis por Amorim Girão por princípios do século passado (Girão, 1921: 32; Castro, 1959: 235-241; Santos *et alii*: 2001)⁵.

Abundantes são também os vestígios de períodos subsequentes, com especial incidência para as gravuras rupestres do Forno dos Mouros (freguesia de Silva Escura) (Souto, 1932; 1938), os povoados pré e proto-históricos, o romano e o medieval (Bettencourt, 1988/9; Pêgo, 2002).

4. LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

O Monumento 2 de Chão Redondo encontra-se implantado numa pequena plataforma localizada a meia encosta da vertente sul da Serra das Talhadas, a uma cota média de 430 metros, em terreno granítico colidindo o aproveitamento florestal (pinhal) com o agrícola e vinícola,

⁵ Durante o segundo semestre do ano de 1999, a mesma equipa de arqueólogos procedeu igualmente à escavação, restauro e valorização da Anta da Capela dos Mouros, sendo de destacar as características pouco comuns ao nível do tipo de arquitectura que encerra: um monumento com câmara poligonal alargada tendencialmente subtrapezoidal, com pelo menos cinco esteios preservados no lado norte, e corredor de médias dimensões, talvez com sete esteios de cada lado, ligeiramente diferenciado em planta e com uma altura mais ou menos constante relativamente à câmara, já que o esteio de cabeceira se apresenta profundamente enterrado no solo de base. Possibilitou a recolha de um espólio arcaico e muito reduzido (micrólitos, lâminas, machados e fragmentos cerâmicos), semelhante aos da necrópole de Chão Redondo, presumivelmente indiciando uma cronologia em torno do último quartel do V milénio A.C (Santos, *et alii*, 2001).

apresentando-se destacado na paisagem circundante e desfrutando de uma boa visibilidade para com o seu congénere vizinho, a escassas dezenas de metros para nascente.

Administrativamente, integra-se na freguesia de Talhadas, concelho de Sever do Vouga, distrito de Aveiro, com as seguintes coordenadas geográficas (“Carta Militar de Portugal”, na escala de 1:25.000, folha 176, Oliveira de Frades, 3ª ed., 2001): 40° 39’50,’’2 Latitude Norte; 8° 18’48,’’2 Long. W. do meridiano internacional-WGS84; 475 m. de altitude.

5. DESCRIÇÃO DOS TRABALHOS

5.1. Metodologia aplicada

Os trabalhos arqueológicos no dólmen de Chão Redondo 2 iniciaram-se pelo reconhecimento do monumento, tendo-se efectuado os primeiros registos fotográficos, os quais tiveram igualmente em conta o monumento 1 e a própria envolvente.

De seguida, procedeu-se à limpeza do terreno, traduzindo-se esta não só pelo corte da densa vegetação que cobria a área dos dois montículos artificiais, como também pela remoção de tudo quanto lhe era alheio. É de referir, a este propósito, que houve necessidade de desmantelar por completo uma estrutura – latada relacionada com o plantio de vinha – constituída por diversos pilares em granito fincados sobre o montículo artificial do monumento 2, descaracterizando-o por completo e impedindo qualquer tipo de visita minimamente aceitável.

Após a conclusão das limpezas superficiais, quadriculou-se todo o espaço correspondente ao *tumulus* alvo da nossa intervenção. Essa mesma quadriculagem, tendo por base um eixo orientador inicial que, passando sensivelmente a meio do corredor e da câmara do monumento, demarcava um espaço quadrangular com 20 metros de lado, subdividido por quadrículas com 2 m de lado, tendo-se atribuído ao eixo das abcissas (x) letras de A a J e ao eixo das ordenadas números de 1 a 10⁶ (Fig. 3). Na prática, e como é comum neste tipo de intervenção, o quadrado correspondente à quadriculagem geral deu lugar, pela própria orientação da mesma – conjugando-se a própria orientação das estruturas internas do monumento –, a quatro distintos sectores.

O plano de trabalhos prosseguiu através do correspondente levantamento topográfico, tendo por base o topo do esteio de cabeceira (E7), ponto mais alto da envolvente, a que se atribuiu um valor de 0.00 m de cota convencional, estendeu-se por 80 m de comprimento e 40 m de largura, englobando assim o monumento 1 de Chão Redondo (cf. Fig. 2).

No que concerne à escavação propriamente dita, a metodologia utilizada foi a mesma a que normalmente se recorre para o estudo de monumentos similares, tendo-se conjugado a intervenção por amostragem, mediante a abertura de duas sanjas, e a escavação em área, incidindo esta no interior do sepulcro e espaço fronteiro. Os decalques dos esteios historiados foram realizados durante a noite com o auxílio de iluminação artificial; foi utilizado tela de polivinilo de espessura adequada, bem como canetas de acetato de diversas espessuras e cores (F e M vermelho para, respectivamente, fissuras e limites dos esteios; F e M negro para as gravuras); posteriormente as telas foram digitalizadas e os desenhos vectorializados em computador.

5.2. O MONUMENTO

O Dólmen 2 de Chão Redondo é um monumento megalítico de contornos arquitectónicos clássicos, cuja estrutura interna, orientada a Sudeste e imersa num montículo artificial, é com-

⁶ A escavação da Sanja 1, localizada imediatamente atrás do esteio de cabeceira, acabaria por se desenvolver, ao final dos trabalhos, pela quadrícula F11, tendo-se desta apenas escavado uma área de 1,5 x 0,5 m.

posta por uma câmara bem diferenciada, em planta e alçado, do corredor de acesso. O comprimento total é de 4,50m, utilizando-se o granito como matéria-prima por excelência (Fig. 6).

A mamoa, relativamente bem preservada não obstante a acção dos agentes erosivos naturais e da mutilação parcial ocorrida sobre o seu lado norte devido à utilização do espaço envolvente com fins agrícolas, apresenta um contorno subcircular com cerca de 16m de diâmetro e uma altura máxima preservada de 1,36m junto ao esteio de cabeceira, o qual aflora acima desta em cerca de meio metro.

Originalmente, a câmara funerária, de planta poligonal alongada e presentemente espoliada de alguns dos seus monólitos, era muito provavelmente composta por sete esteios, medindo 2,30m de comprimento, 2,00m de largura e 2,30m de altura⁷. Destes apenas se preservaram cinco, apresentando-se completo o de cabeceira e os dois que o ladeiam.

O corredor, diferenciado da câmara tanto em altura (c. de 0,70m mais baixo) como em planta, é de curtas dimensões ostentando quatro esteios dispostos paralelamente em cada um dos lados, não sobrepostos mas simplesmente adossados, medindo 2,20m de comprimento, 0,80m de largura e cerca de 1,40m de altura máxima⁸. O espaço de circulação útil era feito, se atendermos a que o topo dos calços preservados estaria muito provavelmente coberto até à cota do piso de utilização, através de um corredor algo exíguo com cerca de 1,00m de altura (Fig. 6).

Estruturalmente, refira-se o posicionamento num plano quase horizontal da totalidade das bases dos monólitos que compõem a estrutura interna megalítica, sendo excepção a laje de cabeceira, fincada sensivelmente 0,42m mais abaixo⁹. Todos foram colocados em fossas previamente abertas no substrato de base e internamente “calçados” com pequenas pedras e lajes dispostas na vertical.

Quanto ao sistema de cobertura, apenas se preservaram completas duas lajes do corredor, as quais jaziam deslocadas e tombadas no interior do sepulcro.

A intervenção arqueológica tida neste monumento evidenciou todo um conjunto de estruturas funcionais ou de carácter essencialmente simbólico que, pela sua importância, merecem algumas considerações.

Dentro das ditas estruturas funcionais, comuns à grande maioria deste género de monumentos, refira-se a presença de um possante e bem elaborado contraforte parcialmente coberto por terras compactas, uma estrutura pétreia intermédia de reforço do montículo cobrindo os sedimentos que parcialmente se sobrepõem ao contraforte, uma couraça pétreia de revestimento superficial adensando na periferia e fechando a colina artificial através de uma autêntica “coroa” de blocos e lajes de maior porte – fecho do *tumulus* – posicionada obliquamente sobre uma nova camada de terras compactas da mamoa e apoiando-se directamente no substrato rochoso de base. Para além destas, refira-se ainda a presença de outras estruturas – corredor intratumular, átrio e fecho do átrio – que adquirem a sua importância enquanto espaços marcadamente simbólicos.

Com efeito, e na zona fronteira do monumento, após a escavação e remoção da estrutura de condenação, constituída essencialmente pela deposição algo caótica de pequenas e médias pedras em granito e quartzo, soltas e misturadas com alguma terra, foi possível observar a presença de dois outros espaços, a descoberto e bem diferenciados, conotados com áreas rituais e de acesso ao interior do monumento – corredor intratumular e átrio –, encontrando-se separados entre si por três blocos graníticos colocados transversalmente em relação ao eixo longitudinal do monumento. Mais que funcional, esta segmentação relacionar-se-á com a demarca-

⁷ Pese embora seja este o comprimento máximo do esteio de cabeceira, deveremos ter em conta que o primitivo piso de utilização do sepulcro, infelizmente não preservado, deveria posicionar-se a cerca de 0,40 m acima da base deste, proporcionando um espaço de circulação com cerca de 1,90 m de altura.

⁸ Tendo como referência o esteio 11, o qual se apresenta completo. Quanto aos restantes, surgem-nos parcialmente mutilados ao nível do topo.

⁹ No interior da câmara, e até cerca de 1,20 metros de distância da laje de cabeceira, observou-se uma depressão no saibro de base que, quanto a nós, se deverá a remeximentos clandestinos ou o resultado da intervenção efectuada na década de 50 pelo geólogo Albuquerque e Castro (Castro, 1960).

ção simbólica destas duas áreas distintas, procurando-se diferenciá-las de forma propositada (Figs. 4 e 5).

Refira-se que o contraforte não se limitava a contornar a construção dolménica – que nesse caso findaria junto aos primeiros esteios do corredor – mas prolongava-se e descaía gradualmente para além deste ao longo de três metros, propiciando assim a definição destes novos espaços de acesso cujo piso de circulação se apresentava a uma cota mais elevada relativamente à da estrutura interna megalítica.

Assim, desde o início do corredor ortostático desenvolvia-se para o exterior uma outra passagem a descoberto, alongada e relativamente estreita – corredor intratumular –, de planta tendencialmente sub-rectangular com c. de 3,40m de comprimento e aproximadamente 1,20m de largura máxima¹⁰, caracterizando-se por possuir duas estruturas paralelas compostas por blocos e lajes de tamanho médio e grande, em granito, descaído gradualmente de altura (0,60/0,20m) até atingir o nível das terras originais do átrio; estes blocos e lajes encontravam-se parcialmente inclinadas para o exterior, contendo ao mesmo tempo o restante contraforte e acompanhando a sua curvatura (Figs. 13 e 14).

Nos limites mais exteriores desta nova passagem, foi possível identificar uma fiada de três blocos graníticos (0,30m de largura), algo inclinada para o exterior e disposta transversalmente em relação ao eixo longitudinal do monumento. Sem qualquer função de ordem técnica, poderá relacionar-se com a intenção dos construtores em demarcarem um espaço mais sagrado e restrito (Fig. 6).

Após a disposição destes diferentes elementos (estrutura dolménica, contraforte e corredor intratumular), ter-se-á procedido à construção do montículo artificial envolvente, cobrindo-os parcial ou totalmente. Contudo, e na área fronteira ao corredor intratumular, o revestimento e fecho pétreo da mamoa diminuía gradualmente e interrompia-se.

Através deste plano arquitectural, os construtores do megálito obtiveram uma nova área de circulação (átrio), de configuração tendencialmente ovalada com cerca de 2,70m de comprimento por 1,50m de largura, cujo acesso, a nascente, era condicionado por uma estrutura frontal disposta horizontalmente em arco (c. de 0,90m de largura) e interrompida lateralmente (c. de 0,90m de largura) – fecho do átrio (Figs. 6 e 14).

Foi precisamente nesta zona que se compulsou, num contexto deposicional preciso sob a estrutura de condenação, um dos dois machados em pedra polida recolhidos no decurso da presente intervenção (Fig. 21-2). A sua localização não será casual mas antes reforça as interpretações destes espaços como áreas rituais de excelência.

Em suma, o acesso ao interior do sepulcro, descentrado, a descoberto e com cerca de 5,20m de comprimento, far-se-ia através de dois espaços demarcados por uma fiada de blocos dispostos transversalmente – átrio e corredor intratumular. Um acesso feito mediante a passagem por espaços bem definidos e materializados no terreno pela construção de pequenas estruturas facilmente transponíveis, mas inseridas num circuito simbólico/ritual preciso e que provavelmente nem todos percorreriam (Fig. 6).

Parece haver, nesse percurso, toda uma série de constrangimentos, uns de ordem física como a própria altura dos esteios do corredor que obrigariam a que quem entrasse se baixasse e o transpusesse numa posição algo incómoda e muito flectida, outros simbólicos como o “murete” que fecha o átrio pelo exterior e a “separação” entre átrio e corredor intratumular através da disposição transversal de uma fiada de blocos. O mesmo é extensivo à diferença de cotas no terreno a que foram posicionadas as bases da estrutura dolménica relativamente às ditas estruturas simbólicas. Na verdade, e com base nos restos preservados do piso de circulação do corredor intratumular, é possível afirmar-se que a entrada no corredor ortostático se fazia através de um plano inclinado, atingindo um desnível com c. de 0,30m.

¹⁰ Refira-se os remeximentos tidos neste espaço, distorcendo a ideia da configuração original do corredor intratumular.

Um dos últimos momentos deste circuito estaria obrigatoriamente relacionado com o periódico arredar da porta de acesso ao interior da câmara. Esta – a avaliar por outros exemplos conhecidos – consistiria numa laje delgada disposta numa posição próxima da vertical; entretanto já desaparecida, estaria colocada a tapar a entrada do corredor ortostático, impedindo o acesso directo ao interior. Seria provavelmente este o último momento de todo um caminho que, reservado apenas a alguns elementos da(s) comunidade(s) construtora(s), culminaria na chegada à câmara funerária, repleta de uma complexa iconografia de cariz mágico-religiosa¹¹.

Do ponto de vista temporal, e tendo em conta o cariz marcadamente arcaizante dos escassos materiais exumados (Fig. 21) bem como o que se conhece do megalitismo do Noroeste peninsular e Beiras¹², poder-se-á afirmar que o Dólmen 2 de Chão Redondo terá tido um curto período de utilização e uma única fase de ocupação ocorrida entre o último quartel do V milénio A.C. e a primeira metade do milénio seguinte.

5.3. O PROJECTO CONSTRUTIVO

Um projecto construtivo com características tão precisas como o de Chão Redondo 2, envolvendo noções muito exactas de simetria e de equilíbrio na disposição dos monólitos constituintes da câmara e corredor, no desenvolvimento do contraforte, propiciando a definição de novos espaços a descoberto, e do próprio *tumulus*, exigia um plano prévio pensado de raiz por parte de quem o construía. Daí que monumentos do género tenham chegado até aos dias de hoje em tão bom estado de conservação. E era a partir desse mesmo plano que o monumento se construía de dentro para fora.

Os esteios poderão ter sido simplesmente extraídos de pedreiras existentes nas imediações reduzindo, comparativamente a outros cujos monólitos terão sido recolhidos a uma significativa distância do local de edificação, o número de pessoas e o esforço dispendido no já exigente transporte dos mesmos.

O esteio de cabeceira, pedra basilar de toda a construção, pesando c. de quatro toneladas, terá sido o primeiro elemento a ser colocado. Ao contrário dos restantes monólitos que compõem o espaço da câmara, este foi o único disposto em posição subvertical suportando, num processo de descarga de peso, grande parte da força exercida pelos congéneres laterais, sobrepostos, de menores dimensões e mais inclinados para o interior. Num primeiro momento, e antes da construção do *tumulus*, os elementos constitutivos da câmara estariam unicamente estabilizados pelas fossas de implantação previamente abertas no substrato de base, por calços internos e externos, provavelmente por troncos de madeira que posteriormente seriam removidos e, acima de tudo, pela acção que os esteios exerciam uns sobre os outros (Fig. 6).

O corredor ortostático, com esteios significativamente de menores dimensões, simplesmente adossados e com um peso médio inferior a uma tonelada, seria o segundo elemento a ser construído, utilizando-se a mesma técnica de estabilidade (Fig. 6).

Dentro desta genealogia do monumento, será de relevar o facto das gravuras aí presentes, com grande probabilidade e por motivos que à frente apresentaremos, terem sido realizadas num momento prévio à colocação dos esteios *in situ*.

Concluída a disposição da estrutura ortostática, e pelo seu exterior, ter-se-á iniciado a construção de um poderoso contraforte, cuidadosamente elaborado com lajes de médias e grandes dimensões, perfeitamente imbricadas entre si, arrancando directamente do afloramento rochoso ou do pequeno nível de solo antigo conservado. Esta estrutura não se limitou a contornar a cons-

¹¹ Sobre este e outros aspectos importantes relativos à arte megalítica, veja-se a análise em artigo de fundo publicado recentemente por Maria de Jesus Sanches com base no estudo dos dólmenes do Noroeste Peninsular (Sanches, 2008/9).

¹² Sobre a cronologia do megalitismo da região, remetemos o leitor para Cruz, 1995; 1997.

trução dolménica, terminando junto aos primeiros esteios do corredor, mas desenvolveu-se para Nascente propiciando a definição dos contornos do corredor intratumular (Fig. 15).

O passo seguinte, quiçá de maior investimento em termos de tempo e de recursos humanos necessários à procura, selecção, transporte e disposição cuidada dos elementos em causa, terá consistido na ampliação gradual do montículo artificial: colocação de terras recobrando parte do contraforte, disposição de uma estrutura pétreia intermédia, nova camada de terra e, por fim, uma outra estrutura pétreia, bem elaborada e mais possante, contendo e fechando o montículo – fecho do *tumulus* (Fig. 15). O contorno mamilar do *tumulus* é apenas interrompido na área fronteira do monumento, definindo um novo espaço de acesso – o átrio. Seguidamente terá sido construído o anel de fecho do átrio, unindo-se lateralmente ao fecho do *tumulus* (Fig. 14).

Numa fase final, e muito provavelmente depois da mamoa ter sido devidamente acondicionada com terra, terão sido arrastadas e colocadas as lajes de cobertura da câmara e do corredor. Os acabamentos terão talvez consistido no revestimento pétreo da mamoa e, presumivelmente, na colocação do piso térreo de circulação e/ou deposição dos diversos espaços de acesso.

O monumento, após o seu tempo de utilização, não muito longo, terá sido encerrado através da “condenação” dos diversos espaços de acesso a descoberto, patentes na área fronteira do mesmo. Um processo ritualizado, por vezes acompanhado pela deposição de oferendas e prática de fogueiras, culminando na colocação algo caótica mas intencional, de terra e pedras fechando toda a área do corredor intratumular e átrio. O acesso ao monumento é como que “disfarçado” e a colina artificial passa definitivamente a ostentar uma forma mamilar.

5.4. A ESTRATIGRAFIA

A escavação do Monumento 2 de Chão Redondo proporcionou a análise de três perfis estratigráficos, dos quais resultou um melhor entendimento da forma como o dólmen foi construído, assim como das diferentes características estruturais evidenciadas.

Os perfis analisados abarcam as principais áreas intervencionadas, facultando o registo de todos os níveis estratigráficos identificados e estruturas associadas.

Os perfis 1 e 2 correspondem a leituras longitudinais do monumento, englobando o Quadrante e.ne e a Sanja o.so. Encerram em si níveis estratigráficos e estruturas correspondentes a cinco realidades distintas: átrio, corredor intratumular, corredor, câmara e mamoa.

O perfil 3 propiciou uma visão parcelar da zona de passagem do espaço da câmara para o corredor. Este registo, não muito habitual para este tipo de monumentos, só foi obtido devido à espoliação dos dois primeiros esteios laterais da câmara. Este facto permitiu observar os contrafortes e subseqüentes níveis estratigráficos preservados no lado externo dos dois últimos esteios do corredor (Fig. 7).

5.4.1. Quadrante sudeste e Sanja noroeste, perfil e.ne.-o.so., lado n.no. (G1 a G11)

Com uma extensão de 20 m, este perfil corresponde a uma leitura longitudinal de todo o monumento, feita a partir do anel do fecho do átrio (quadrados G1 e G2), até ao fecho do *tumulus* (G10), incorporando duas áreas distintas. Uma funcional, correspondente ao desenvolvimento, para sudeste, do eixo do monumento a partir do esteio de cabeceira, nomeadamente através da vista, em alçado, dos esteios do corredor e da câmara, o prolongamento do contraforte definindo o espaço do corredor intratumular, a estrutura de condenação e o fecho do átrio. A outra, meramente estrutural, traduz-se, no lado oposto, pela vista seccionada do interior do montículo, onde se destaca o possante contraforte e a estrutura de fecho do *tumulus*.

Convencionalmente identificado com o nº 1, tal perfil afigurou-se como imprescindível para uma melhor compreensão das estruturas e níveis estratigráficos ainda preservados no interior do

sepulcro, bem como na área fronteira ao corredor, nomeadamente no que concerne à sua estrutura de acesso e subsequente encerramento definitivo (Fig. 7-1).

Assim, e para além da vista, em projecção, dos esteios do dólmen, foi possível identificar as seguintes estruturas:

- **Estrutura de fecho do átrio**, observável na quadrícula G2, coberta pela camada 3. Trata-se de uma estrutura pétreo, composta por elementos de dimensões médias, muito bem imbricados, sobrepostos em duas fiadas. Em planta adquire uma forma arqueada, disposta ao longo das quadrículas F2 e G2.
- **Estrutura de condenação**, patente nas quadrículas G2, G3 e G4. Estrutura edificada na fase terminal de utilização do sepulcro. Formada por terras (c.3) e pedras colocadas de forma desorganizada e pouco estruturada. Encontrava-se parcialmente destruída pelos trabalhos de escavação levados a cabo por Albuquerque e Castro e/ou por violações anteriores, na área de confluência com a entrada do corredor. Iniciando-se e/ou misturando-se com a estrutura de selagem do corredor intratumular, esta desenvolvia-se até à estrutura de fecho do átrio, cobrindo-a parcialmente. Encerrava as diferentes etapas de acesso – átrio e corredor intratumular –, consumando e ampliando o aspecto mamilar do *tumulus*.
- **Estrutura de selagem do corredor intratumular**, localizada na quadrícula G4. Composta por elementos pétreos de dimensões médias, dispostos de forma organizada em fiadas. À semelhança da estrutura de condenação, também esta foi fortemente truncada no espaço fronteiro, a descoberto, do corredor ortostático. Estrutura construída na fase de encerramento do monumento, obliterando o corredor intratumular e impedindo o acesso ao interior do sepulcro, encostando e selando a “porta” que, originalmente, estaria disposta transversalmente à entrada do corredor.
- **Prolongamento do contraforte**, observável nas quadrículas G2 e G3. Estrutura composta por robustas lajes graníticas dispostas obliquamente e imbricadas entre si, muito bem elaborada e possante, vincando os contornos do corredor intratumular e do átrio. Encontrava-se parcialmente coberto pela estrutura de condenação, assim como pelas terras compactas do *tumulus* (c.5).
- **Alçado sudoeste dos esteios da câmara e do corredor**, diferenciados em altura. Relativamente ao corredor, refira-se que o primeiro esteio é ligeiramente mais baixo do que os restantes, observando-se fenómeno idêntico no alçado oposto. Julgamos que este facto estará intimamente relacionado com os constrangimentos corporais impostos aos utilizadores, obrigando a curvarem-se no momento em que entravam no interior do sepulcro.
- **Couraça ou revestimento pétreo superficial do tumulus**, observável nas quadrículas G7 a G9. Trata-se de uma fiada de lajes graníticas dispostas obliquamente, revestindo a superfície da mamoa, já um pouco deteriorada, observando-se alguns elementos afastados da sua posição original.
- **Contraforte dos esteios**, patenteado nas quadrículas G7 e G8. Trata-se de uma poderosa estrutura pétreo, cuidadosamente construída e adossada exteriormente aos esteios da estrutura megalítica, sendo composta por lajes de médias e grandes dimensões, imbricadas entre si e com algumas bolsas de terra entremeando as diferentes camadas. Na área encostada aos esteios, assume-se como um autêntico “cairn”, adquirindo uma forma mais compacta, com poucos espaços entre os elementos pétreos.
- **Estrutura intermédia de reforço do tumulus**, observável na quadrícula G8 e G9. Construída a meio das terras *in situ* do *tumulus*, desenvolve-se a partir do substrato rochoso. É composta por lajes de médias e grandes dimensões dispostas obliquamente. Relacionar-se-ia primitivamente com o revestimento pétreo superficial.
- **Fecho do tumulus**, registado nas quadrículas G9 e G10. Anel pétreo composto por lajes de

dimensões consideráveis, dispostas obliquamente, assumindo a função de contenção do contraforte e das terras compactas do *tumulus*. Julgamos que esta estrutura formava inicialmente um círculo perfeito em torno de toda a mamoa, encontrando-se em consonância com o fecho do átrio, que o completava na área fronteira do monumento.

- **Anel pétreo externo**, visível nas quadrículas G10 e G11. Trata-se de um aglomerado de pedras de dimensões reduzidas, colocadas de forma caótica na área externa do fecho do *tumulus*. Esta estrutura foi igualmente observada na Sanja s.se. Inicialmente julgámos tratar-se de uma acumulação de material pétreo proveniente da couraça de revestimento da mamoa. No entanto, esta estrutura encontra-se coberta pelas mesmas terras que revestiam o topo do *tumulus* evidenciando dessa forma que foram colocadas na mesma altura.

A intervenção nesta parte do monumento, além de possibilitar a identificação de todo um conjunto de estruturas com funções claramente distintas, permitiu ainda a seguinte leitura estratigráfica:

- Camada 1** – Terra humosa superficial de tonalidade castanha clara, com muitas raízes, médias e finas, e elementos pétreos grosseiros; compacticidade reduzida e granulidade média. Artefactualmente estéril.
- Camada 2** – Bolsa de terras humosas de tonalidade cinzenta, com muitas raízes, médias e finas; compacticidade reduzida e grão fino. Localizava-se exclusivamente na área do átrio, sobre a estrutura de fecho do mesmo, pautando-se pela inexistência de espólio.
- Camada 3** – Terra escura com algumas manchas cinzentas, muito compacta e fina, distribuindo-se por toda a área do átrio e do corredor intratumular. Encontra-se intimamente relacionada com a estrutura de condenação do monumento. Sob esta, e na forma de pequenas bolsas que preenchiam pequenas depressões da rocha de base, identificou-se uma fina camada relacionada com o piso de utilização primário que, na sua larga maioria, deveria ser feito ao nível do substrato rochoso.
- Camada 4** – Terras castanhas claras, arenosas, soltas, artefactualmente estéreis. Correspondem a terras colocadas por Albuquerque e Castro no interior da câmara e corredor do monumento, depois de terminada a sua intervenção.
- Camada 5a** – Terra de tonalidade cinzenta, com algumas raízes de calibre médio/fino; grão fino, apresentando-se relativamente compacta. Relacionar-se-á com o revestimento final do *tumulus*, depositado sobre o contraforte dos esteios e fecho da mamoa.
- Camada 6a** – Terras castanhas escuras de grão fino, muito compactas. Terras do *tumulus* conservadas *in situ*, dispostas sobre a forma de bolsas entre a couraça de revestimento e os maciços do contraforte.

5.4.2. Quadrante sudeste e Sanja noroeste, perfil o.so.-e.ne, lado s.se (G1-G7 e F7-F11)

O corte estratigráfico 2, igualmente com 20 m de extensão e distando apenas 1,50 m para Sul do anterior, apresenta características bastante semelhantes, permitindo reforçar algumas particularidades (Fig.7-2).

Assim sendo, e principiando a leitura de forma inversa ao corte anterior, é perfeitamente visível o fecho do *tumulus* nas quadrículas F10 e F9, representado por duas lajes de dimensões consideráveis, dispostas obliquamente, sustentando a pressão efectuado pelas toneladas de terra e pedras colocadas sobre o exterior da estrutura megalítica.

É igualmente observável a estrutura intermédia de reforço do *tumulus* e o contraforte, expresso neste perfil pela presença de elementos de grande porte, pesando alguns centenas de

quilos (quadrículas F9 a F7). Refira-se a forma como o contraforte encosta ao esteio de cabeceira, exercendo uma pressão em sentido contrário.

Ambas as estruturas se encontram cobertas pela couraça de revestimento pétreo.

Dos esteios do dólmen, destaque para espessura da cabeceira (E7), colocado a maior profundidade relativamente aos restantes, encontrando-se a sua base a cerca de um metro abaixo do piso de circulação do átrio.

Na área fronteira observa-se a estrutura de selagem, representada na totalidade da extensão registada em planta (G4), o limite do corredor intratumular, definido pelo prolongamento do contraforte para sudeste (G3 e G2), o fecho do átrio, expressado neste corte por mais elementos (G2 e G1), assim como a estrutura de condenação selando definitivamente todo o espaço (G3 a G1).

Estratigraficamente, as camadas apresentam as mesmas características das registadas no corte contíguo.

5.4.3. Quadrante sudeste, perfil n.no.-s.se., lado o.so (G6-F6)

O corte estratigráfico 3, com 1,50 m de extensão, secciona transversalmente a zona de passagem do espaço da câmara para o corredor, tendo sido propiciado devido à espoliação dos dois primeiros esteios laterais da câmara, possibilitando a observação das seguintes estruturas (Fig. 7-3).

- **Contraforte externo do esteio 10** (quadrícula G6). Poderosa estrutura pétreo, construída e adossada exteriormente ao esteio. Formada por lajes de médias e grandes dimensões, imbricadas entre si. Construção tipo “cairn”, muito compacta, patenteando poucos espaços entre os elementos pétreos. A forma como os elementos estão dispostos, tendencialmente oblíquos ao esteio, permite desempenhar a função pretendida sem exercer pressão sobre o monólito.
- **Esteio 10 em secção** (quadrícula G6). Observa-se a forma subvertical como o esteio, *in situ*, se dispõe. Atente-se a um calço colocado sob a base, conferindo estabilidade ao subsolo.
- **Esteio 4 em secção** (quadrícula F6). Esteio ligeiramente deslocado da sua posição original. A base foi desviada obliquamente da primitiva posição, provocando, ao nível do topo, uma acentuada inclinação para o interior do corredor. Esta acção deve estar relacionada com o momento em que foi removido o esteio da câmara contíguo. Ainda dentro do mesmo contexto, o contraforte externo sofre uma série de alterações estruturais, colocando em risco a sua primitiva função.
- **Contraforte externo do esteio 4** (quadrícula F6). Em tudo idêntico ao observado no contraforte do esteio 10, pese embora as alterações estruturais sofridas no seguimento das acções destrutivas.

Estratigraficamente, distinguem-se duas novas realidades:

Camada 5b – Terra castanha escura de granulidade média/fina, apresentando-se relativamente compacta, relacionando-se com o revestimento final do contraforte. Assume uma relação directa com a camada 5a registada nos perfis anteriormente descritos, exercendo a mesma função e depositada no mesmo momento.

Camada 6b – Terras negras de grão fino, muito compactas. Terras do *tumulus* conservadas *in situ*, sob a base do contraforte. Também neste caso se pode estabelecer uma relação com a camada 6a.

6. AMOSTRAGEM DE SEDIMENTOS E RESTOS VEGETAIS CARBONIZADOS

Tendo em vista futuros estudos pedológicos e paleoambientais, visando um melhor conhecimento da cobertura vegetal, características e potencialidades agronómicas dos solos em tempos pré-históricos, procedeu-se à recolha de diversas amostragens de sedimentos em dois locais distintos do corte estratigráfico 2, mais concretamente na área referente ao montículo artificial envolvente.

Na verdade, a escavação deste tipo de monumentos, principalmente quando os *tumuli* se encontram em bom estado de preservação, permite a identificação, nomeadamente sobre as couças pétreas e os contrafortes, de níveis estratigráficos preservados contemporâneos ou anteriores à construção do monumento (terras da mamoa ou níveis de solos antigos preservados).

Assim sendo, e no caso concreto do Monumento 2 do Chão Redondo, observou-se, após o desmonte das estruturas pétreas da Sanja o.so, a presença de dois níveis estratigráficos (camadas 5 e 6) com potencial para o estudo em causa.

No âmbito da Palinologia, recolheram-se 20 amostras de terra sensivelmente em iguais quantidades, tendo sido efectuadas por duas colunas dispostas paralelamente no mesmo corte estratigráfico. A primeira localizou-se entre o contraforte e a estrutura intermédia de reforço do *tumulus*; a segunda entre esta e o fecho da mamoa.

Aproveitando as mesmas colunas, efectuaram-se posteriormente 9 amostras no âmbito da Pedologia (Fig. 8).

Quadro I

Nº	Localização	Observações
1	F8, 0 X 192 X 117; camada 6a, terras <i>in situ</i> do <i>tumulus</i>	Sob a couraça pétrea
2	F8, 0 X 188 X 111; camada 6a, terras <i>in situ</i> do <i>tumulus</i>	idem
3	F8, 0 X 192 X 105; camada 6a, terras <i>in situ</i> do <i>tumulus</i>	Idem
4	F8, 0 X 188 X 99; camada 6a, terras <i>in situ</i> do <i>tumulus</i>	Idem
5	F8, 0 X 192 X 95; camada 6a, terras <i>in situ</i> do <i>tumulus</i>	Idem
6	F8, 0 X 188 X 91; camada 5a, terras <i>in situ</i> do <i>tumulus</i>	Idem
7	F8, 0 X 192 X 87; camada 5a, terras <i>in situ</i> do <i>tumulus</i>	idem
8	F8, 0 X 188 X 70; camada 1	Topo da couraça pétrea
9	F8, 0 X 51 X 146; camada 6a, terras <i>in situ</i> do <i>tumulus</i>	Entre o contraforte e a estrutura intermédia de reforço
10	F8, 0 X 49 X 141; camada 6a, terras <i>in situ</i> do <i>tumulus</i>	idem
11	F8, 0 X 51 X 136; camada 6a, terras <i>in situ</i> do <i>tumulus</i>	idem
12	F8, 0 X 49 X 129; camada 6a, terras <i>in situ</i> do <i>tumulus</i>	Idem
13	F8, 0 X 51 X 124; camada 6a, terras <i>in situ</i> do <i>tumulus</i>	Idem
14	F8, 0 X 49 X 117; camada 6a, terras <i>in situ</i> do <i>tumulus</i>	Idem
15	F8, 0 X 51 X 111; camada 6a, terras <i>in situ</i> do <i>tumulus</i>	Idem
16	F8, 0 X 49 X 105; camada 6a, terras <i>in situ</i> do <i>tumulus</i>	Idem
17	F8, 0 X 51 X 95; camada 6a, terras <i>in situ</i> do <i>tumulus</i>	Idem
18	F8, 0 X 49 X 89; camada 6a, terras <i>in situ</i> do <i>tumulus</i>	idem
19	F8, 0 X 59 X 61; camada 5a, terras <i>in situ</i> do <i>tumulus</i>	Topo da couraça
20	F8, 0 X 61 X 53; camada 1	–

Quadro II

Nº	Localização	Observações
I	F8, 0 X 195 X 117; camada 6a, terras <i>in situ</i> do tumulus	Sob a couraça pétreo
II	F8, 0 X 185 X 103; camada 6a, terras <i>in situ</i> do tumulus	idem
III	F8, 0 X 195 X 91; camada 5a, terras <i>in situ</i> do tumulus	idem
IV	F8, 0 X 185 X 70; camada 1	Topo da couraça
V	F8, 0 X 55 X 141; camada 6a, terras <i>in situ</i> do tumulus	Entre o contraforte e a estrutura intermédia de reforço
VI	F8, 0 X 45 X 124; camada 6a, terras <i>in situ</i> do tumulus	idem
VII	F8, 0 X 55 X 105; camada 6a, terras <i>in situ</i> do tumulus	idem
VIII	F8, 0 X 55 X 70; camada 5a, terras <i>in situ</i> do tumulus	Topo da couraça
IX	F8, 0 X 55 X 53; camada 1	–

Por último, com vista a futuras datações radiocarbónicas, foram recolhidas cinco amostras de restos vegetais carbonizados, passíveis de datar o momento de utilização e encerramento do monumento.

Amostra 1 – Recolhida na camada 3, quadrícula G1 (179 x 186 x 135 cm), sobre o topo do afloramento rochoso, encostado ao anel pétreo de fecho do átrio.

Amostra 2 – Recolhida na camada 3, quadrícula F2 (50 x 40 x 118 cm), entre as pedras da estrutura de condenação.

Amostra 3 – Recolhida na camada 3, sobre o piso de circulação, quadrícula F2, correspondendo a vários fragmentos de material vegetal carbonizado compulsado na crivagem.

Amostra 4 – Recolhida na camada 3, quadrícula F3 (185 x 136 x 130 cm), ao nível do piso de circulação do corredor intratumular.

Amostra 5 – Recolhido na camada 3, quadrícula F3 (142 x 154 x 115 cm), entre as pedras da estrutura de condenação.

7. CULTURA MATERIAL

O material arqueológico recolhido no decurso dos presentes trabalhos é reduzido, correspondendo na sua maioria a um conjunto de oferendas individuais e/ou colectivas comuns a outros monumentos idênticos e de carácter marcadamente arcaizante (Fig. 21).

Este conjunto é composto por artefactos em pedra polida (dois machados e um polidor), em pedra lascada (três micrólitos geométricos e um fragmento da extremidade proximal de uma lâmina) e por dois fragmentos (moventes) de mós manuais.

Destes, dois micrólitos¹³ e um machado¹⁴, recolhidos no interior da câmara, encontravam-se deslocados da sua posição original, tendo sido exumados na camada 4, nível estratigráfico relacionado com os sedimentos colocados no interior da câmara e corredor por Albuquerque e Castro no final da sua intervenção ocorrida na década de 50 do século passado.

A escavação da área fronteira do monumento propiciou a recolha *in situ* de um machado¹⁵, um

¹³ Um deles corresponde a um trapézio aparentemente simétrico com truncaturas curtas oblíquas, ligeiramente fragmentado numa das pontas da base maior, em sílex, secção subtrapezoidal e retoques abruptos nas truncaturas, tendo sido recolhido no quadrado G7 (48 x 19 x 260 cm). Mede 3,3 cm de comprimento, 0,9 cm de largura e 0,25 cm de espessura (inv^º CRED2.00.9). O outro, trata-se de um trapézio assimétrico com truncaturas muito oblíquas, em sílex, secção triangular, retoques abruptos nas truncaturas e semiabruptos na base maior, tendo sido recolhido no quadrado G7 (peneiração). Mede 2,5 cm de comprimento, 1,2 cm de largura e 0,35 cm de espessura (inv^º CRED2.00.10).

¹⁴ Recolhido no quadrado F6 (96 x 85 x 174 cm), em anfibolito, apresenta forma subtrapezoidal, perfil sub-rectilíneo-convexo, bordos rectilíneo-convexo, secção sub-rectangular, fio e perfil do gume convexo simétrico, talão arredondado, polimento total no gume com vestígios de uso. Mede 13,8 cm de comprimento, 5 cm de largura e 2,3 de espessura (inv^º CRED2.00.7).

¹⁵ Recolhido no quadrado F3 (106 x 14 x 125 cm), em anfibolito, apresenta forma sub-rectangular, perfil sub-rectilíneo-convexo, bordos rectilíneo-convexo, secção sub-rectangular, fio e perfil do gume respectivamente convexo assimétrico e simétrico, talão recto,

micrólito¹⁶ e um polidor fragmentado, os quais se encontravam na camada 3 sob a estrutura de condenação, ao nível do piso de circulação primário. O machado apresentava-se encostado aos elementos pétreos da estrutura que separava o átrio do corredor intratumular. Esta deposição, presumivelmente de carácter votivo, poderá estar associada ao ritual de encerramento do monumento.

No corredor intratumular, sob a estrutura de selagem e ao nível do piso de circulação (camada 3), foi identificado *in situ* um fragmento de lâmina, em sílex¹⁷.

Os dois fragmentos de mós, em granito, foram recolhidos entre os elementos pétreos das estruturas que compunham o contraforte¹⁸ e no revestimento superficial da mamoa¹⁹, ambos com a face polida virada para baixo. Neste caso concreto, não poderemos falar de uma deposição ritual, mas sim, eventualmente, de uma reutilização de material.

O pequeno conjunto de micrólitos geométricos é composto por dois trapézios simétricos com truncaturas oblíquas e um segmento de círculo, todos sobre lâmina. São em sílex, apresentando retoques abruptos e marginais.

A lâmina, fragmentada a nível proximal, apresentava uma secção trapezoidal e um perfil rectilíneo, com retoques semiabruptos descontínuos em ambos os lados.

Os machados, em pedra polida, apresentam tipologias distintas, expressas principalmente ao nível da forma, bordos, fio do gume e talão, não apresentando polimento total da peça.

Recorde-se que a anterior intervenção levada a cabo por Albuquerque e Castro havia já proporcionado a recolha, no interior do corredor, de duas lâminas em sílex branco de secção triangular, um fragmento de machado em xisto anfibólico, um fragmento cerâmico liso, um percutor esferoidal de granito, dez seixos rolados de quartzito, bem como “vários fragmentos de matéria corante” (Castro, 1960).

Os dois conjuntos artefactuais revelam uma coerência cronológica, traduzida por um carácter marcadamente arcaizante, permitindo-nos pressupor a existência de uma única fase deposicional funerária situada no último quartel do V^o, inícios do IV milénio A.C., caracterizada pela quase ausência de cerâmica.

Em conformidade com o que se tem constatado para as fases mais antigas do megalitismo, nomeadamente na Beira Alta (Gomes, 1996; Gomes *et alii*, 1998; Carvalho, 2005; Cruz, 2001) e no Norte de Portugal (Cruz, 1992), poderemos aceitar que a ausência de cerâmica e de pontas de seta indicará um carácter arcaizante do mobiliário fúnebre de alguns dólmenes, incorporando estes numa fase inicial ou média do megalitismo.

O Monumento 1 de Chão Redondo, tipologicamente idêntico, bem como a vizinha Anta da Capela dos Mouros, de planta “barquiforme” alongada, evidenciam características muito semelhantes ao nível do enxoval fúnebre, revelando uma quase total ausência de cerâmica, indiciando igualmente uma cronologia semelhante.

8. A ICONOGRAFIA

Fotografias das lajes decoradas de Chão Redondo 2 foram publicadas por Albuquerque e Castro no seu trabalho monográfico (Castro, 1960). Desenhos efectuados a partir destas fotogra-

polimento total no gume com vestígios de uso, depressão longitudinal numa das faces. Mede 10,7 cm de comprimento, 3,1 cm de largura e 1 cm de espessura (inv^o CRED2.00.8).

¹⁶ Trata-se de um segmento assimétrico largo, em sílex, secção triangular e retoques abruptos nas truncaturas, tendo sido recolhido no quadrado F2 (peneiração). Mede 2 cm de comprimento, 0,9 cm de largura e 0,2 cm de espessura (inv^o CRED2.00.11).

¹⁷ Proveniente do quadrado G4 (79 x 90 x 139 cm), possui secção trapezoidal e perfil rectilíneo com retoques semiabruptos, marginais, directos, subparalelos, descontínuos em ambos os lados. Fragmentada ao nível proximal, mede 2,8 cm de comprimento, 1,2 cm de largura e 0,2 cm de espessura (inv^o CRED2.00.12).

¹⁸ De configuração subovóide (9 cm de comprimento x 7,5 cm de largura x 6,7 cm de espessura) foi recolhido no quadrado F8, camada 5 (131 x 125 x 86 cm) (inv^o CRED2.00.2).

¹⁹ De configuração sub-rectangular (9,4 cm de comprimento x 6,7 cm de largura x 3,5 cm de espessura), provém do quadrado F7, camada 1 (60 x 80 x 66 cm) (inv^o CRED2.00.3).

fias foram posteriormente dados a conhecer por Elizabeth Shee na sua obra seminal (Shee Twohig, 1981: figs. 35 e 36). Correspondem, portanto, os desenhos que agora apresentamos aos primeiros decalques directos que se efectuaram neste monumento.

Passando à descrição dos esteios, comecemos por aquele cujas representações o tornam o centro do discurso figurativo presente no monumento. Referimo-nos ao esteio que analogamente é também o suporte máximo e fundamental da estrutura arquitectónica aqui erigida – o esteio de cabeceira (Figs. 9 e 18). Nele encontramos, ocupando praticamente dois terços do espaço operativo, um enorme arboriforme constituído por nove V abertos dispostos uns sobre os outros e rematados por um sulco vertical; adossado ao último V encontra-se o primeiro de uma sequência de quatro V's invertidos; abaixo do último destes, encontramos do lado esquerdo um conjunto de quatro / sendo que os dois do centro se encontram ligados pelas extremidades exteriores; frente a esta sequência encontramos três \, encontrando-se os dois do topo igualmente ligados; abaixo destes conjuntos foi gravado um outro V invertido duplo com as extremidades exteriores ligadas; finalmente, um V invertido separa o conjunto até agora referido de um outro conjunto com dois V's invertidos e quatro dispostos correctamente ligados entre si por um sulco vertical. O conjunto é ladeado a cada lado por um ziguezague sendo que o do lado esquerdo está reduzido a dois troços separados e o do lado oposto parece, na sua metade inferior, ter sido em determinados pontos, duplo. Todo o conjunto foi conseguido por picotagem, observando-se bem os negativos de contorno arredondado.

Este esteio é ladeado à direita por um outro também profusamente decorado, sendo o seu repertório figurativo estruturado por quatro ziguezagues dispostos na vertical, o segundo a contar da esquerda partido em dois e o terceiro duplo (Fig. 9). Entre o segundo e o terceiro, em cima, foi gravado um círculo, e entre os dois últimos outros dez dispostos, sete destes em sequência vertical; um dos restantes encontra-se à esquerda do intervalo entre o segundo e o terceiro a contar da base; os outros dois foram figurados um ao lado do outro à esquerda da base do último ziguezague. Será de referir ainda que o primeiro da sequência vertical é dotado de um ponto central e que o terceiro a contar da base da sequência se encontra ligado por um pequeno sulco ao ziguezague duplo. Tal como no caso de esteio anteriormente descrito, a técnica empregue na execução das figurações aqui presentes foi a picotagem.

Do esteio situado à esquerda do de cabeceira conhecemos referências a gravuras – três motivos em U, dois destes abertos para a direita e um aberto para a esquerda. Contudo, após cuidada observação chegámos à conclusão de que nos encontramos perante um caso de *ludus natura*.

O último esteio historiado do monumento encontra-se já no lado norte do corredor, correspondendo ao último antes de entrarmos na câmara. Neste observamos um meandro em cuja terminação inferior encontramos quatro sulcos, dois divergindo para a esquerda do meandro e outros dois para a direita; entre esta composição e o limite esquerdo do esteio reconhece-se ainda um sulco em S e uma figura subovóide aberta à esquerda constituída por um sulco recto a que se acrescentou uma linha curva (Fig. 9).

Não podemos terminar este périplo sem antes nos debruçarmos sobre uma laje exumada por Albuquerque e Castro que “estava atravessada na câmara” (Castro, 1960: 160). Pelo que se depreende da leitura daquele texto, a pedra encontrar-se-ia inclinada e não propriamente deitada, uma vez que a “cabeça e face” se encontravam para baixo e a “base e o verso para cima”. Que o autor admita que a causa de entrada na câmara terá sido a perda do apoio norte pressupõe que talvez, por subtis indícios, nos indique que interpretaria tal laje como de cobertura da câmara (situação cujas dimensões da pedra permitiriam – 1,70m x 0,70m x 0,55m). Estaríamos assim perante um discurso figurativo que se prolongaria pelo tecto da câmara, situação inédita no megalitismo peninsular. Contudo, é preciso ter em conta que até há bem pouco tempo, no Dólmen 1 do Carapito também se falava numa “Pedra-Altar” decorada quando afinal se estava

perante um fragmento de esteio (Cruz & Vilaça, 1990: 19), situação essa que não nos espantaria que aqui também viesse a suceder. Quanto às figurações presentes na laje, apenas nos podemos socorrer das imagens publicadas (Castro, 1960: Est. III. 2; Shee Twohig, 1981: fig. 35) uma vez que não houve oportunidade de estudarmos a peça. *Grosso modo*, o que se encontra publicado corresponde a uma composição estruturada em torno de figura sub-retangular disposta na horizontal e seccionada por cinco sulcos paralelos ao eixo menor; o sulco horizontal do topo termina numa curva exterior para baixo; por sua vez, a partir do canto superior esquerdo desenvolve-se figura de tendência oblonga com o lado maior de cima ligeiramente curvo e o de baixo levemente estrangulado; à esquerda desta foi adossado um motivo em U aberto em cima, motivo que se repete à sua direita, desta vez aberto para baixo; em cima à esquerda observa-se uma figura de tendência ancoriforme e à direita um sulco de onde partem dois traços perpendiculares ao anterior e subparalelos entre si. Toda a composição foi interpretada por Albuquerque e Castro como uma manada de bois com a cabeça virada para baixo (Castro, 1960: 164).

Do ponto de vista da genealogia do monumento, talvez seja de referir que provavelmente os esteios tenham sido gravados numa fase prévia à sua deposição enquanto elementos de uma arquitectura. Esta situação é particularmente evidente no caso do esteio à direita do de cabeceira, porquanto a localização das gravuras excessivamente perto deste último, se muito dificultou o seu decalque ainda mais teria dificultado, ou mesmo impossibilitado, a sua gravação.

Sendo, quanto a nós, impossível encontrar significados específicos para cada uma das representações, pensamos ser mais útil a abordagem de outros aspectos interpretativos. Assim, a primeira evidência que nos salta à vista é que, tal como ocorre na generalidade da arte megalítica do noroeste, o esteio de cabeceira é marcado pela existência de uma figura tutelar de contornos antropomórficos²⁰ (Jorge, 1997: 18-20). Contudo, a tónica relativa à maior diversidade de motivos, colocada no lado esquerdo dos monumentos por Vítor Oliveira Jorge (Jorge, 1997: 24) e Maria de Jesus Sanches (2008-2009: 17-18; 2010: 24) encontra-se aqui invertida. Na verdade, é no lado norte (tanto da câmara como do corredor) que encontramos as composições mais complexas. Julgamos, no entanto, que esta singularidade não nos deve impedir de aceitar como válida a ideia de uma estruturação da gramática figurativa presente no interior de um monumento. Queremos com isto dizer que o que devemos relevar é que parte importante da informação contida por estes grafismos se estende por um dos lados do monumento e não valorizar se é o direito ou o esquerdo.

Para além desta, outras singularidades do monumento são de valorizar. Assim, não deixa de ser pertinente que apenas um esteio apresente um “ar megalítico” – o esteio à direita da cabeceira, com claros paralelos, por exemplo, no esteio 2 da Mamoia de Braña (Carballo Arceo & Vazquez Varela, 1984: 253). Já o motivo principal presente no esteio de cabeceira, se bem que passível de ser integrado, tal como Elizabeth Shee fez, nas filas de V's (Shee Twohig, 1981: 25, Table 2) tão comuns na arte megalítica, pode encontrar os seus paralelos mais evidentes na arte esquemática pintada, nomeadamente entre os arboriformes simples (A. C. Osta, 1968: 124-126). Também o do corredor apresenta um repertório difícil de paralelizar com exemplos da arte megalítica. Contudo, e na arte ao ar livre, a Pedra do Lobo (Tondela, Viseu) (Silva, 1978: 168; Santos *et alii*, 2006: 155, fig. 16) corresponde a um razoável paralelo.

Se razão existe para o último parágrafo, essa prende-se com a seguinte ideia que pretendemos passar: mais fixa e sólida que as imagens presentes no interior de um monumento é a estrutura que lhe subjaz. Se é a verdade que talvez possamos criar grandes grupos mais ou menos homogêneos que partilhem determinadas características, sejam estes mais restritos [o grupo de Viseu (Shee Twohig, 1981: 35)] ou mais vastos [o grupo do Noroeste (Bello Dieguez,

²⁰ Vamos portanto, se bem que apenas em parte, ao encontro da interpretação de Albuquerque e Castro que aqui via a figuração de um indivíduo (CASTRO, 1960: 157). Quanto à sua ideia de aqui ver as costelas do personagem, não podemos deixar de referir que interpretação foi aventada para o repertório figurativo de alguns dólmen da Bretanha (Thomas & Tilley, 1993).

1994)], a verdade é que enquanto ficarmos à superfície das coisas (isto é, pela imagética) em vez de descermos às profundezas das mesmas (ou seja, à estrutura) encontraremos sempre um ou outro caso mais ou menos “anómalo”. Por outro lado, essa estrutura não se limitaria seguramente ao monumento e possivelmente nem sequer à necrópole, estendendo-se a um território mais vasto. Talvez assim se possa explicar porque existem monumentos decorados e outros que não o são sem cairmos na entretanto já envelhecida hipótese generalista de que todos o seriam originalmente. Mas quanto a esse assunto trataremos seguidamente.

9. CONSOLIDAÇÃO, RESTAURO E VALORIZAÇÃO

Os trabalhos de consolidação e restauro seguiram uma linha metodológica onde estiveram sempre presente os critérios da reversibilidade, da estabilidade e da compatibilidade dos materiais e tratamentos utilizados, factores fundamentais que devem sempre orientar qualquer intervenção desta natureza.

Os métodos utilizados foram definidos em função do estado de conservação do monumento, diagnóstico das patologias, assim como dos resultados obtidos com a escavação arqueológica.

Num primeiro momento iniciou-se a recuperação da câmara funerária. Esta encontrava-se desprovida de quatro dos seus esteios, encontrando-se outros dois (E.5 e E.9) fragmentos ao nível inferior e com a base deslocada da sua posição original. Na tentativa de conferir a este espaço a sua forma primitiva, iniciámos os trabalhos de recuperação pela recolocação destes dois fragmentos nas suas posições originais (Fig. 17).

Seguidamente, nunca descurando a forma poligonal da câmara, procedeu-se à reconstituição dos esteios em falta. Para tal recorreu-se à construção de muretes em pedra vã, colocados estrategicamente no interior da estrutura megalítica, com a mesma orientação que deveriam ter os esteios originais. A escavação arqueológica permitiu a identificação de duas das fossas de implantação destes esteios, que muito contribuíram para calcular as dimensões e forma como se dispunham na câmara.

Assim, no lado sudoeste foram colocados dois muretes: um entre os esteios 6 e 5 e outro entre este último, depois de recolocado, e o esteio 4. A altura dos muretes nunca excedeu o ponto mais alto conservado do *tumulus*. No lado oposto foram edificados dois muretes a preencher o espaço compreendido entre os esteios 9 e 10. Se por um lado estes pequenos muros conferiram ao espaço em causa uma forma idêntica à original, por outro lado consolidaram a estrutura de contrafortagem que se encontrava em risco de ruir.

No corredor recolocou-se o esteio 4 na sua posição primitiva, assim como duas das tampas que jaziam tombadas.

No interior da estrutura megalítica foi colocada uma sapata de blocos pétreos graníticos de médias e grandes dimensões com cerca de meio metro de altura, simplesmente preenchida com terra.

Após o fecho das valas que haviam sido intervencionadas, procedeu-se à valorização da mamoa através da deposição de várias toneladas de terra, alteando-a e prestando-lhe uma imagem próxima da original.

No final depositou-se uma camada de brita de cor branca no interior do monumento e átrio, cobrindo parcialmente e protegendo o anel de fecho do átrio (Fig. 19).

10. DISCUSSÃO

O monumento a que nos temos vindo a referir pode ser alvo de análises a diferentes escalas no que concerne à sua arquitectura e modos de estar por aquela condicionada.

Assim, ao nível do monumento *per se*, este não se distingue particularmente de outros estudados na Beira Alta, nomeadamente daqueles a que fizemos referência ao longo do texto. Como aqueles, apresenta diferenças arquitectónicas internas que seguramente condicionavam a diferentes níveis a experiência de percepção do monumento, seja ao nível do acesso seja ao nível da partilha dessa percepção com outras pessoas. Assim, é evidente que um espaço mais amplo como o átrio permitia aí a existência de um maior número de pessoas que na câmara. Por outro lado, tanto o acesso ao primeiro destes espaços como ao segundo só permitia a passagem de uma pessoa de cada vez (e esta atravessá-lo-ia seguramente curvada devido à altura do corredor) enquanto a entrada para o átrio embora de forma mais simbólica também a isso obriga. Outro aspecto em comum com os monumentos atrás referidos corresponde à diferenciação material de diversos espaços, diferenciação essa que se poderá relacionar com os diversos estádios de proximidade a um conhecimento que só se aproximará da totalidade no interior do monumento; que para se atingir essa aproximação à totalidade a arquitectura nos obrigue a seguir determinadas prescrições corporais como sejam o andar curvado durante os metros que são “cercados” pelo corredor não nos poderá espantar porquanto mesmo a postura comportamental deve ser ela própria entendida como englobada no conhecimento a que se pretende aceder; foi com base neste pressuposto que linhas atrás escrevemos a propósito de “um conhecimento que só se aproximará da totalidade”. Na verdade, parte dessa totalidade é bastante restrita no tempo e corresponde por um lado à construção e por outro ao encerramento do monumento. Como escrevemos atrás, o processo de construção da própria mamoa foi, ao nível da construção, a fase que mais esforço e pessoas terá exigido, porquanto podemos admitir o importante papel que este momento terá tido e o seu profundo impacto na memória colectiva das pessoas que tomaram parte neste processo; o mesmo poderá ser dito, se bem que em menor medida, do encerramento; no entanto, se tivermos em conta o esforço que esse momento terá exigido em outros monumentos como seja o Picoto do Vasco (Vila Nova de Paiva) (Abrunhosa *et alii*, 1995) poderemos avaliar em que medida terá sido um importante momento da vida destes monumentos.

Como já referimos, o centro do monumento é o depósito de conhecimento por excelência do mesmo na sua fase entre a construção e o encerramento. Não só se encontram aí a grande parte das deposições de corpos e materiais não humanos como o grosso da arte. Aqui encontramos figurações com paralelos noutras “tradições artísticas”. Por outro lado, se olharmos para os monumentos da região (Silva, 1997), verificamos que a arte megalítica não é generalizada, para além de ser dificilmente integrável em qualquer das “províncias artísticas” que a ladeiam – a Beira Alta ou a Galiza, para não falar da hipotética região do Noroeste. Isto, leva-nos a algumas questões interessantes, a primeira das quais se prende com a quase necessidade por parte de alguns investigadores de tudo pretenderem integrar numa ampla teoria unificadora. Na verdade, a região sobre a qual agora nos debruçamos é esclarecedora porquanto a arte megalítica aqui presente (e não só a do Chão Redondo) apresenta um carácter tão *sui generis* que dá a impressão que cada monumento é ainda mais único que os de outras regiões (que de resto, também são únicos mas não de forma tão evidente) dificultando quer a pressuposição de uma “província artística” quer a integração numa outra qualquer. Por outro lado, aqui parecem ser mais evidentes as influências que a arte megalítica local sofreu quer da arte tumular de norte e de leste, quer de outras “tradições” como sejam a arte esquemática e a arte gravada de ar livre.

Ainda outra questão que se pode levantar, e que também tem que ver com a fatalidade de tudo querer generalizar, prende-se com a assumpção de alguns autores de admitirem que na origem todos os monumentos conteriam arte. Na verdade, pensamos que tal como encontramos diferenças arquitectónicas razoáveis em monumentos da mesma necrópole que poderão ter sido sincrónicos (como é o caso desta mesma necrópole), também ao nível do conteúdo gráfico podemos distinguir entre os que o conteriam e os que não.

Ora, este aspecto leva-nos a referir outras escalas a que este monumento pode ser analisado – a da necrópole e a da região. Assim, ao nível da necrópole será de valorizar precisamente os aspectos que diferenciariam os monumentos, nomeadamente ao nível da arte. Será também de valorizar as relações entre os mesmos, mormente no que toca à sua relação espacial e às formas de caminhar entre eles, algumas destas impostas pela arquitectura, nomeadamente pelos corredores e estruturas de acesso de ambos os monumentos²¹. Seriam estes modos de andar mais uma forma deste *lugar ser lido*, *lugar* esse cujos significados a ele associados levaram a que fosse trabalhado de maneira a conter uma necrópole. Neste sentido ganha particular importância que os materiais utilizados na construção dos monumentos tenham sido aí colhidos. Nesta perspectiva em que não só olhamos para o monumento mas para a necrópole como um todo, será mais compreensível que a informação esteja dispersa, que por exemplo a arte se encontre num só monumento.

Ora, este tipo de raciocínio pode e deve ser aplicado no contexto de uma região mais ampla. Assim se explicam como em diversos pontos de um território encontramos diferentes arquitecturas e monumentos com arte e sem ela. Basta olharmos para as diferenças arquitectónicas entre estes monumentos e os outros escavados da região: a Mamoa 1 da Cerqueira (Betten-court, 1989), de maiores dimensões, sem os constrangimentos corporais a que nos obriga o Chão Redondo 2 ou a Anta da Capela dos Mouros, em que ao nível da planta não há distinção entre câmara e corredor e, ao nível do alçado apenas reparamos que a diferença se verifica ao nível do solo ao contrário do que é habitual (que seria ao nível do topo) – a percepção que se tem desde a entrada do monumento até ao centro é uma evidente descida que faz com que progressivamente o tecto se vá afastando das nossas cabeças. Lugares diferentes implicam arquitecturas diferentes e importantes disparidades ao nível das figurações artísticas [diferenças que poderão ir da completa ausência ao barroquismo mais arrojado como é o caso do monumento não muito distante de Antelas (Castro *et alii*, 1957)]. Não queremos com isto defender que existe uma ligação directa entre lugar e arquitectura/arte. Há ainda que ter em conta o agencialismo – ou se quisermos, o papel da negociação cultural intracomunitário de que nos dá conta Maria de Jesus Sanches em texto recente (2008-2009). Como bem refere aquela autora, o monumento na sua totalidade (arquitectura/arte/conteúdo material) é resultado de uma negociação que desemboca num resultado que acaba por misturar elementos comuns a uma possível “cosmogonia” de maior abrangência e outros de carácter mais específico. A esse nível, o monumento em apreço é um excelente exemplo; nele, e utilizando os critérios apresentados pela autora, encontramos alguns traços que são comuns a todo o noroeste, a saber – “(1) [a] organização decorativa geometrizar da maioria dos dolmenes, (2) [a] decoração mais rica da laje de cabeceira” (Sanches, 2008-2009, 27) a par de outros que ou são menos comuns (ênfase no lado direito) ou mesmo únicos – o motivo do esteio de cabeceira. Se tivermos em conta que os esteios foram decorados antes da sua erecção temos que admitir que não só o que está figurado como a sua disposição na câmara foi observado por todos e como tal, resultado ou de uma opção colectiva ou da aceitação de parte da comunidade das opções de alguns – importante observação já tida em conta por aquela autora (2008-2009, 9; 2010, 11). Seria através dos monumentos (aqui entendidos como resultado de uma negociação) espalhados pelos *lugares* de uma região e pelas actividades neles realizadas que as comunidades se entrosariam com essa mesma região, que a interpretariam e, no caminho, também a si próprias. O avanço da investigação ao nível do megalitismo está dependente do estudo destas escalas ao nível da necrópole e da região e, se à partida, parece que estamos a defender abordagens que excluam as escavações, o que referimos implica necessariamente muito mais escavação, nomeadamente nas áreas das necrópoles entre monumentos. Quem sabe que surpresas ainda nos esperam...

²¹ Quanto a este aspecto, ver Sanches, 2006.

BIBLIOGRAFIA

- ABRUNHOSA, M. J.; GONÇALVES, A. A. H. e CRUZ, D. J. (1995) – “Ocorrência de rochas vitrificadas no dólmen do “Picoto do Vasco” (Vila Nova de Paiva, Viseu), *Estudos Pré-históricos*, 3, Viseu, pp. 167-185.
- A. C. OSTA, P. (1968) – *La pintura rupestre esquemática en España*, Salamanca.
- BELLO DIÉGUEZ, J. M.^a (1994) – “Grabados, pinturas e ídolos en Dombate (Cabana, La Coruña). ¿Grupo de Viseu o grupo Noroccidental? Aspectos taxonomicos y cronológicos”, *A.C.tas do Seminário “O Megalitismo no Centro de Portugal (Mangualde, Nov. 1992)*, Viseu, CEPBA [Estudos Pré-históricos, 2], pp. 287-304.
- BETTENCOURT, A. M. S. (1989) – *Campanha de escavação e consolidação da Mamoa 1 da Cerqueira (Serra do Arestal, Sever do Vouga)*, “Arqueologia”, nº 19, Porto, pp. 85-113.
- BETTENCOURT, A. M. S. e REBELO, T. M. H. (1988/9) – *Monumentos Megalíticos da Serra do Arestal (Sever do Vouga – Vale de Cambra). Inventário preliminar*, “Portugália”, nova série, vol. IX-X, Porto, FLUP/IA, pp. 7-30, VIII ests.
- CARBALLO ARCEO, L. X. e VAZQUEZ VARELA, J. M. (1984) – *Nuevos hallazgos de arte megalítico en la provincia de Pontevedra: a mamoa de Braña*, “Gallaecia”, 7/8, Santiago de Compostela, 245-259.
- CARVALHO, P. S. (2006) – *A necrópole megalítica da Nossa Senhora do Monte (Penedono, Viseu), um espaço sagrado pré-histórico na Beira Alta*, “Estudos Pré-Históricos”, 11, Viseu, CEPBA.
- CASTRO, L. A. (1960) – *Monumentos megalíticos de Chão Redondo*, “Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço de Fomento Mineiro, XIV (1-2), Lisboa, Serviço de Fomento Mineiro, pp. 145-174, VII ests.
- _____ (1959) – *Monumento Megalítico de Capela dos Mouros*, (Arcas, Talhadas), Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia, vol 1, Lisboa.
- CASTRO, L. A.; FERREIRA, O. V.; VIANA, A. (1957) – *O dólmen pintado de Antelas (Oliveira de Frades)*, “Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal”, 38, Lisboa, DGMSG, pp. 325-346, XI ests.
- _____ (1957) – *Acerca dos monumentos dolmênicos da Bacia do Vouga*, Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, Coimbra.
- CRUZ, D. J. (1992) – *A Mamoa 1 de Chã de Carvalhal no contexto arqueológico da Serra da Aboboreira, Coimbra*, “Conimbriga/anexos”, 1, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras.
- _____ (1995) – *Cronologia de monumentos com tumulus do Noroeste Peninsular e da Beira Alta*, “Estudos Pré-históricos”, 3, Viseu, CEPBA, pp. 81-112, III ests.
- _____ (1998): *Expressões funerárias e culturais no Norte da Beira Alta (V – II milénios a. C.)*, “Actas do Colóquio “A Pré-história na Beira Interior” (Tondela, Nov. 1997)”, Viseu, CEPBA (Estudos Pré-históricos, 6), pp. 149-166.
- _____ (2001) – *O Alto Paiva: Megalitismo, diversidade tumular e práticas rituais durante a Pré-história Recente*, Dissertação de doutoramento em Pré-história e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, policopiada.
- CRUZ, D. J. e VILAÇA, R. (1990) – *Trabalhos de escavação e restauro no dólmen 1 do Carapito (Aguiar da Beira, distrito da Guarda). Resultados preliminares*, “Trabalhos do Instituto de Antropologia Dr. Mendes Corrêa”, 45, Porto, Faculdade de Ciências.
- FERREIRA, A. B. (1978) – *Planaltos e montanhas do Norte da Beira – Estudos de Geomorfologia*, Lisboa: Centro de Estudos Geográficos [Memórias do Centro de Estudos Geográficos, n.º 4].
- GOMES, L. F. C. (1996) – *A necrópole megalítica da Lameira de Cima (Penedono – Viseu)*, “Estudos Pré-Históricos”, 4, Viseu, CEPBA.
- GOMES, L. F. C.; CARVALHO, P. S.; PERPÉTUO, J. M. A. e MARRAFA, C. (1998) – *O Dólmen de Areita (S. João da Pesqueira, Viseu)*, “Estudos Pré – Históricos”, 6, Viseu, CEPBA, pp. 33-93.
- JORGE, V. O. (1997) – *Questões de interpretação de arte megalítica* [Trabalhos eventuais, 6], SPAE, Porto.

- LEISNER, V. (1997) – *Die megalithgraber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*, Instituto Arqueológico Alemão em Madrid, Berlin.
- PÊGO, M. C. C. (2002) – *Legados de Sever do Vouga – Roteiro do Megalitismo*, Câmara Municipal de Sever do Vouga.
- SANCHES, M. J. (2006) – *Passage-graves of northwestern Ibéria: setting and movements. An approach to the relationship between architecture and iconography*, in Jorge, V. O.; Cardoso, J. M.; Velho, G. L.; Pereira, L. S. (eds.), “Approaching “Prehistoric and Protohistoric Architectures” of Europe from a “Dwelling Perspective””, Porto, ADECAP (Journal of Iberian Archaeology, 6), pp. 127-158.
- ____ (2008/2009) – *Arte dos dólmenes do noroeste da Península Ibérica: uma revisão analítica*, “Portugália”, nova série, vol. XXIX-XXX, Porto, pp. 5-42.
- ____ (2010) – *The Inner Scenography of Decorated Neolithic Dolmens in Northwestern Ibéria: An Interplay Between Broad Community Genealogies and More Localized Histories*, in Bettencourt, A. M. S.; Sanches, M. J.; Alves, L. B.; Fábregas Valcarce, R. (eds.), “Conceptualising Space and Place: On the role of agency, memory and identity in the construction of space from the Upper Palaeolithic to the Iron Age in Europe”, Oxford, Archaeopress (BAR International Series, 2058), pp. 7-26.
- SANTOS, A. T., CHENEY, A., Aveleira, A. (2006) – *A arte rupestre no concelho de Tondela: Uma perspectiva diacrónica*, Actas do II Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa [Coavisão], pp. 138-155.
- SANTOS, F. J. C.; GOMES, L. F. C.; Carvalho, P. S. (2001) – *Circuito Pré-histórico de Talhadas (Sever do Vouga)*, Viseu, Arqueohoje.
- SHEE TWOHIG, E. (1981) – *The megalithic art of Western Europe*, Oxford, Clarendon Press.
- SILVA, C. T. (1978) – *Gravuras rupestres inéditas da Beira Alta*, “Actas das III Jornadas Arqueológicas”, Lisboa, AAP, pp. 167-196.
- SOUTO, A. (1932) – “Arte rupestre em Portugal (Entre Douro e Vouga)”, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 5: 4, Porto: SPAE, pp. 285-300.
- ____ (1938) – “Arqueologia pré-histórica do distrito de Aveiro. Arte Rupestre”, *Arquivo do Distrito de Aveiro*, 4, Aveiro: F. F. Alves, pp. 5-19.
- THOMAS, J. e TILLEY, C. (1993) – “The axe and the torso: Symbolic structures in the Neolithic of Brittany” in Tilley, C. (Ed.), *Interpretative Archaeology*, Providence/Oxford, Berg, pp. 225-325.

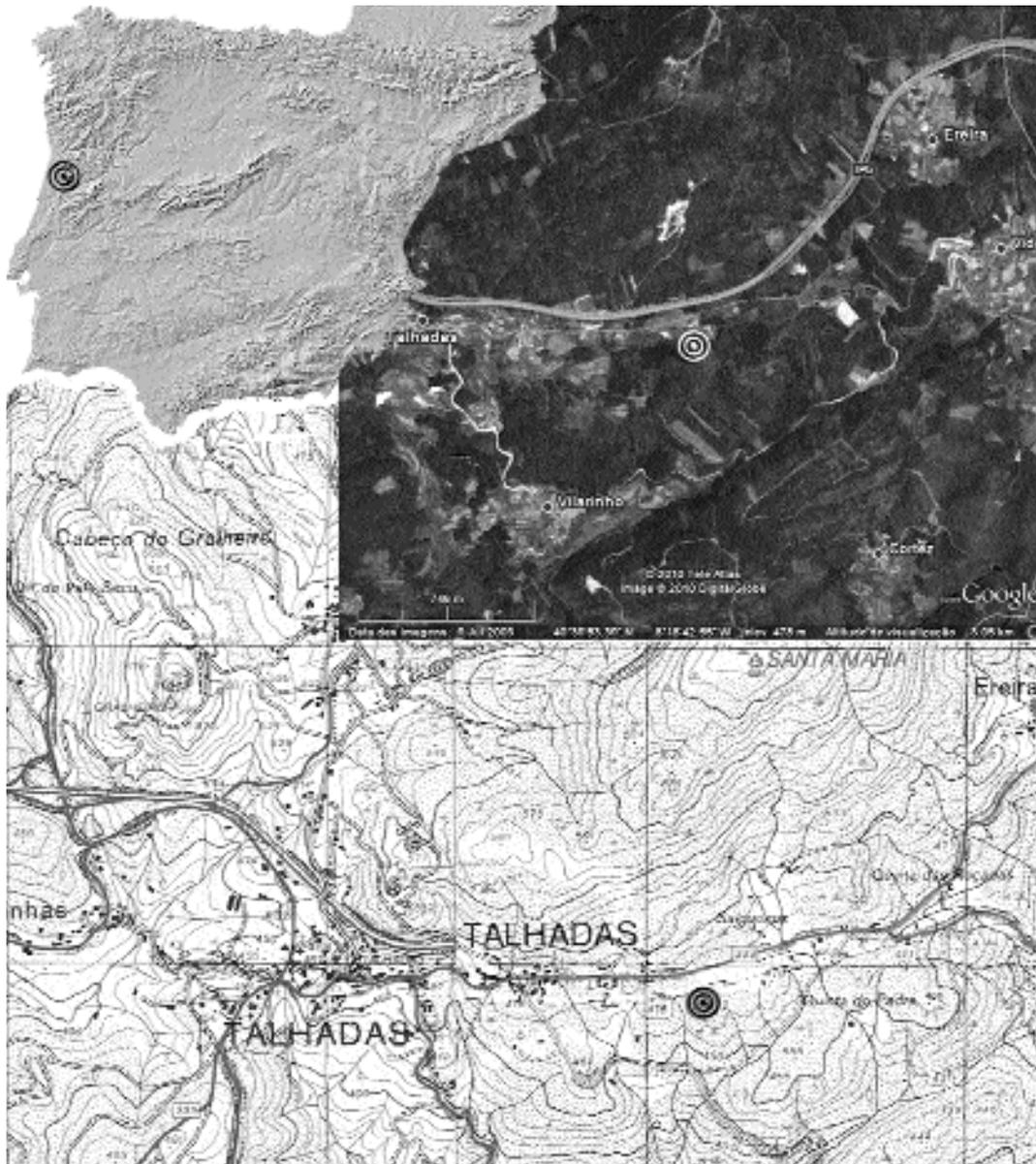


Fig. 1 – Localização do dólmen de Chão Redondo 2 no mapa da Península Ibérica, Googleearth e C.M.P. FI.175/6.

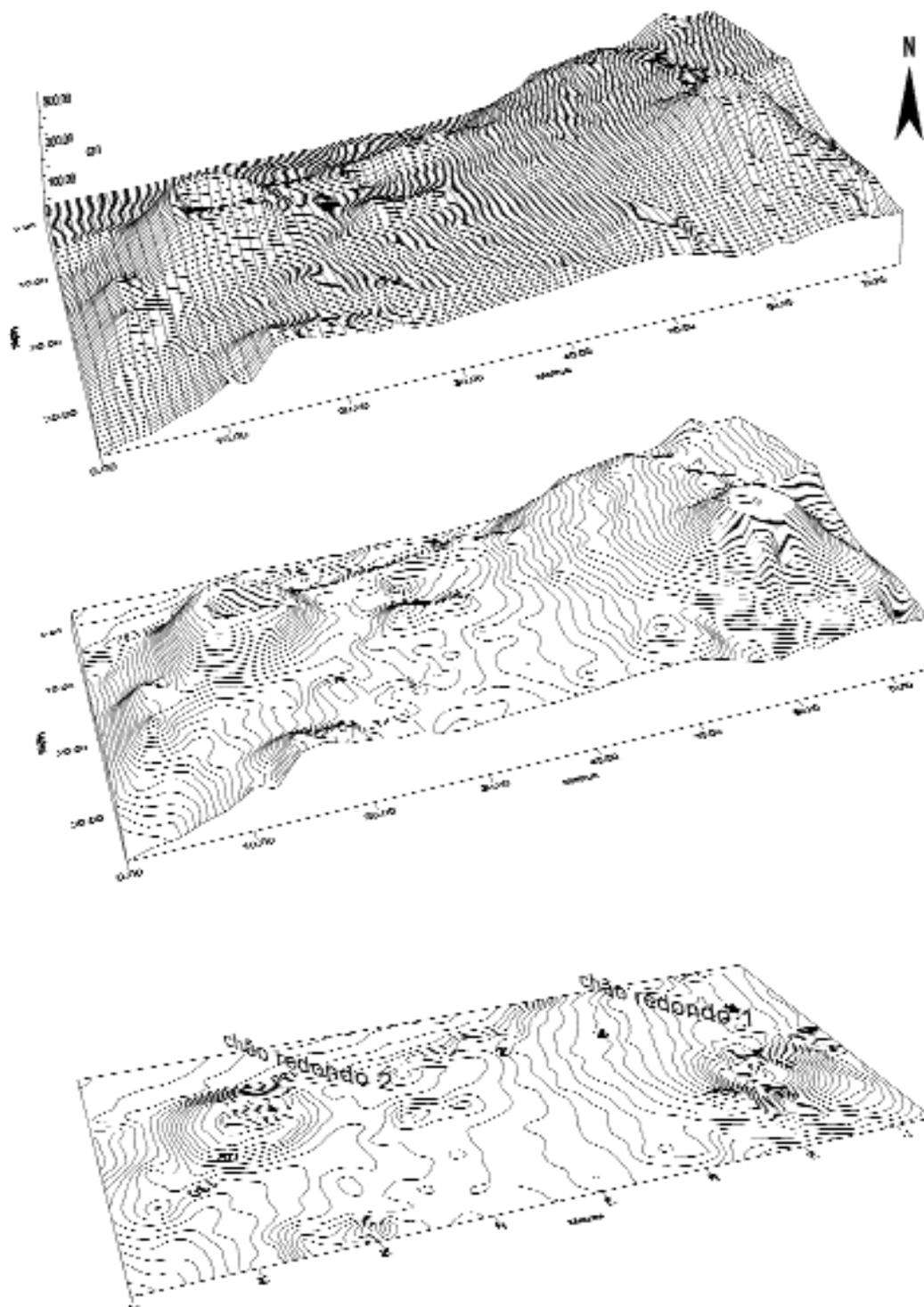


Fig. 2 – Representação tridimensional dos Monumentos 1 e 2 de Chão Redondo e área envolvente.

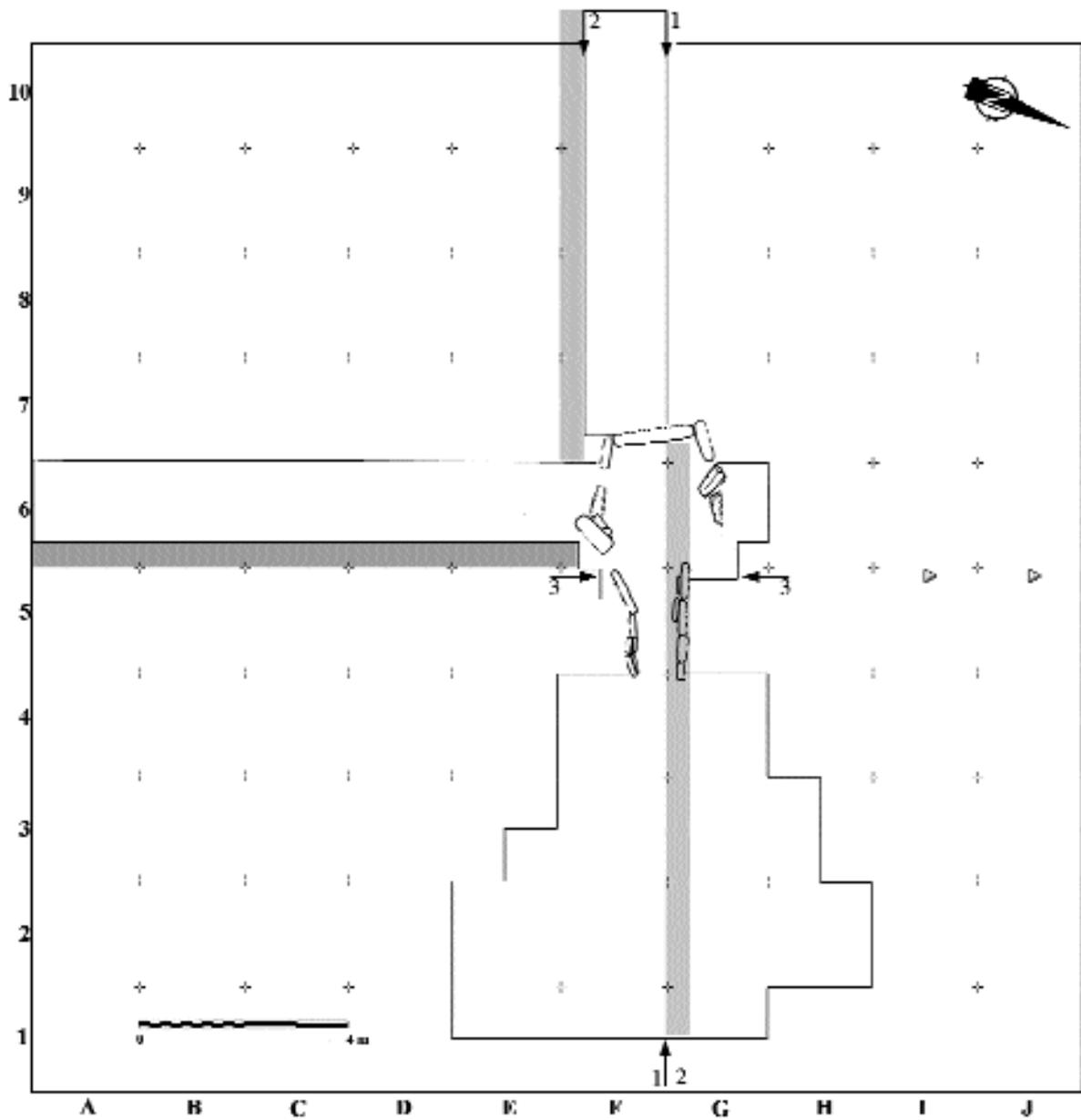


Fig. 3 – Dólmen de Chão Redondo 2. Plano de escavação.

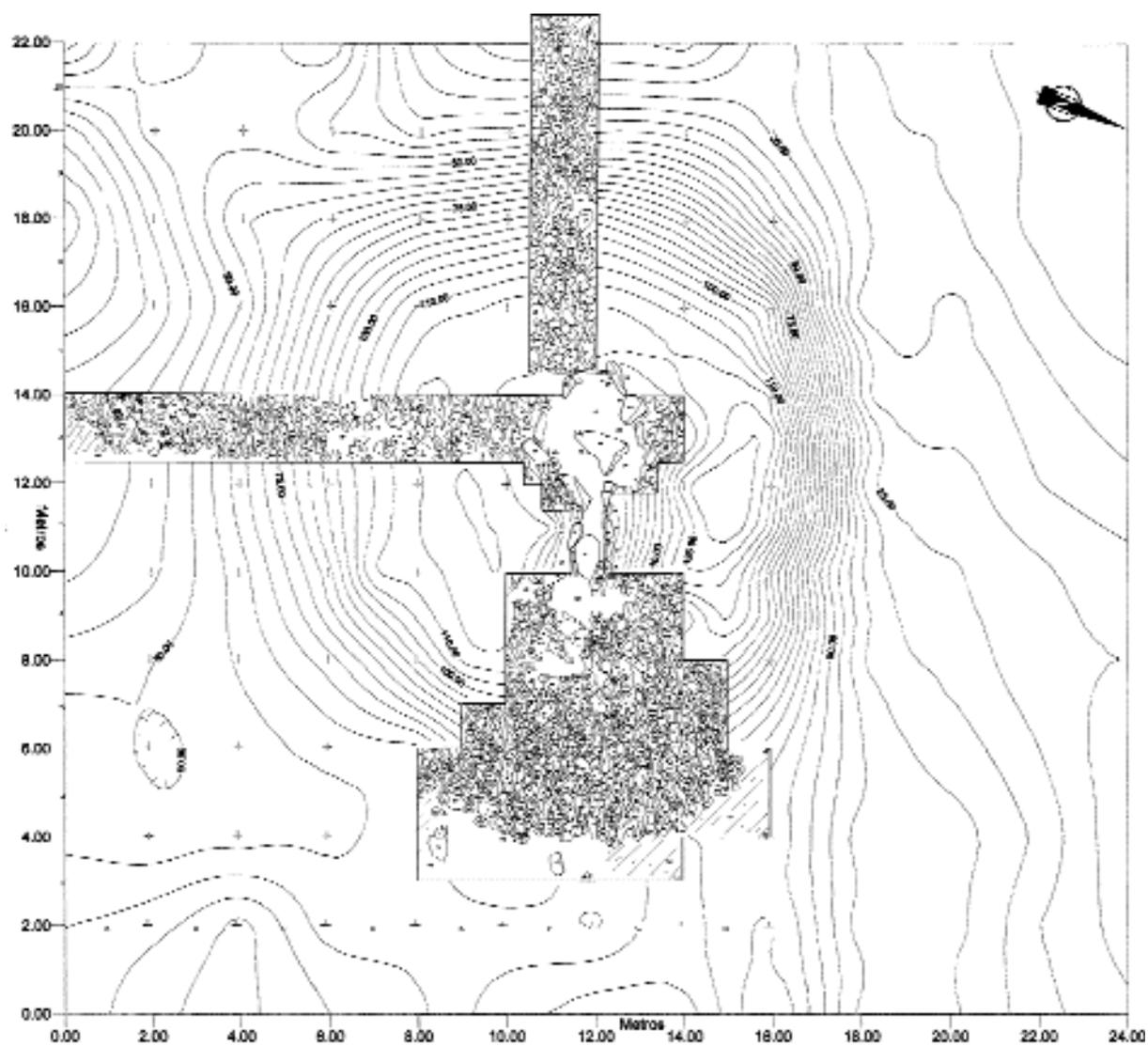


Fig. 4 – Dólmen 2 de Chão Redondo. Aspecto do monumento após a decapagem superficial (1ª fase), evidenciando-se a estrutura de condenação na área fronteira.

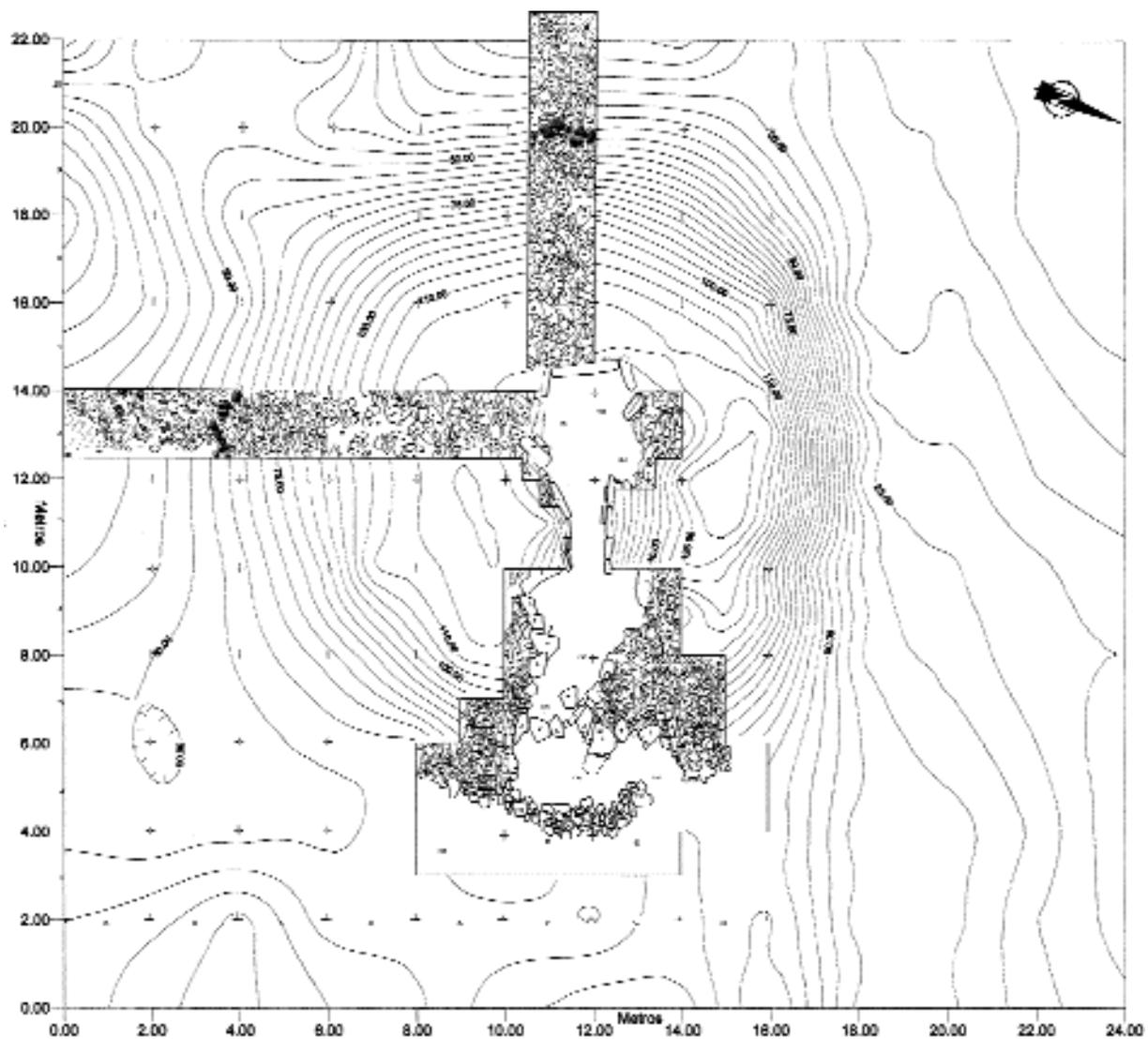


Fig. 5 – Dólmen 2 de Chão Redondo. Aspecto do monumento após a remoção da estrutura de condenação na área fronteira do monumento, evidenciando-se o corredor intratumular e seu limite, o átrio e o anel de fecho do átrio (2ª fase). Destaca-se o aspecto final das sanjas 1 e 2 após as decapagens finais, dando-se destaque ao anel de fecho do *tumulus* – elementos pétreos representados tridimensionalmente e escurecidos.

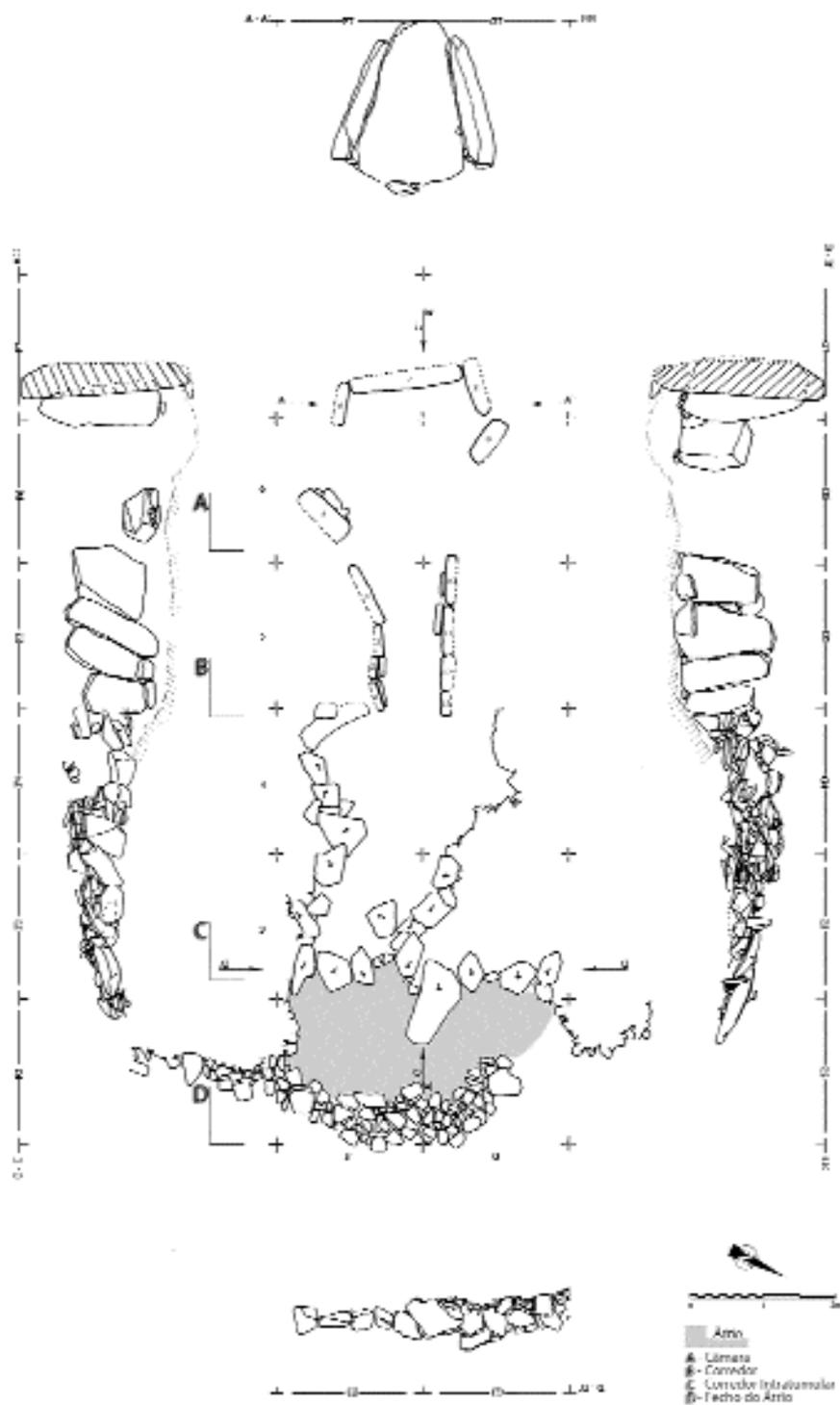


Fig. 6 – Dólmen 2 de Chão Redondo. Planta ao nível inferior e vistas em secção. Vista em secção do corredor intratumular e átrio.

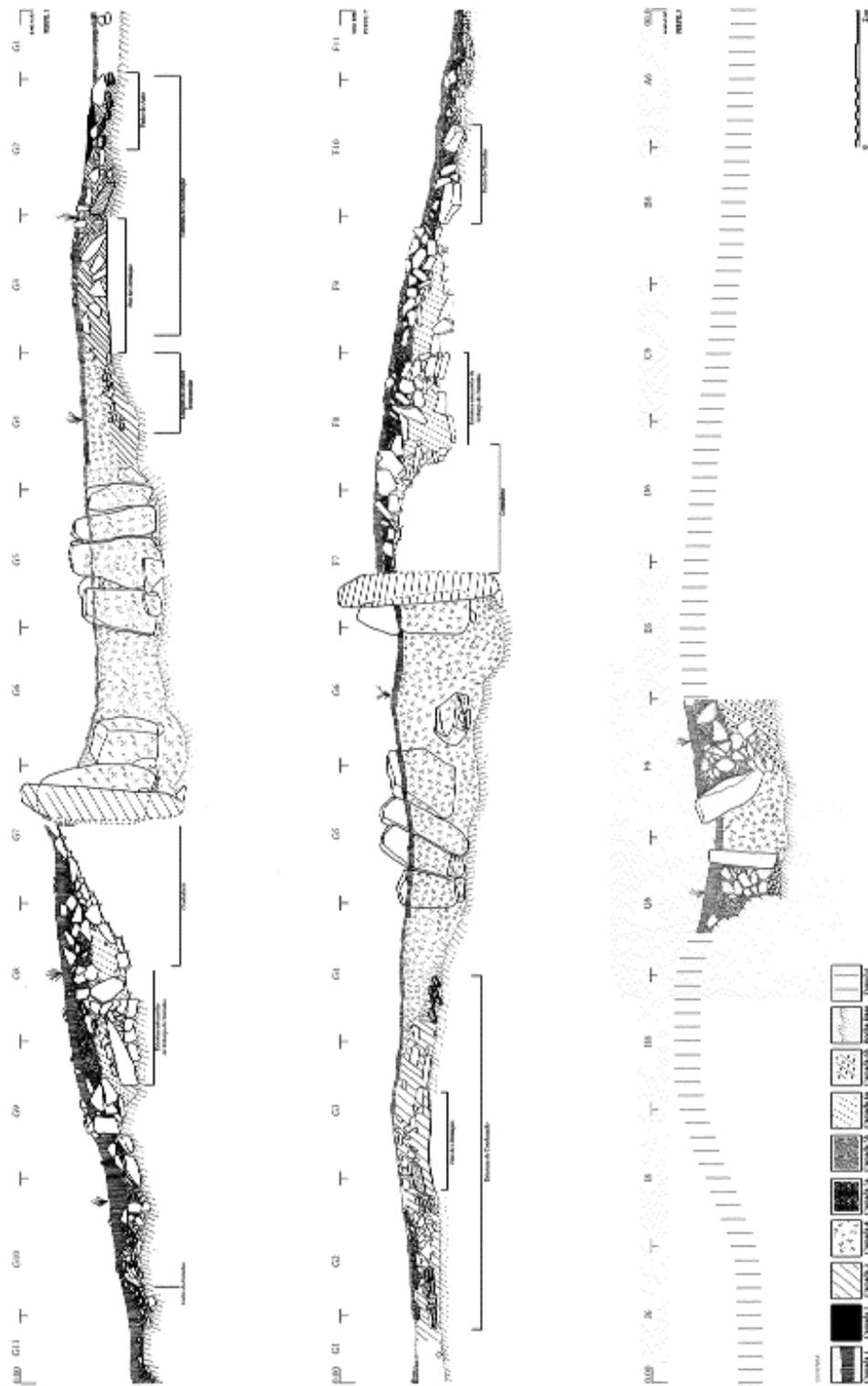


Fig. 7 – Dólmen 2 de Chão Redondo. Cortes estratigráficos 1, 2 e 3.

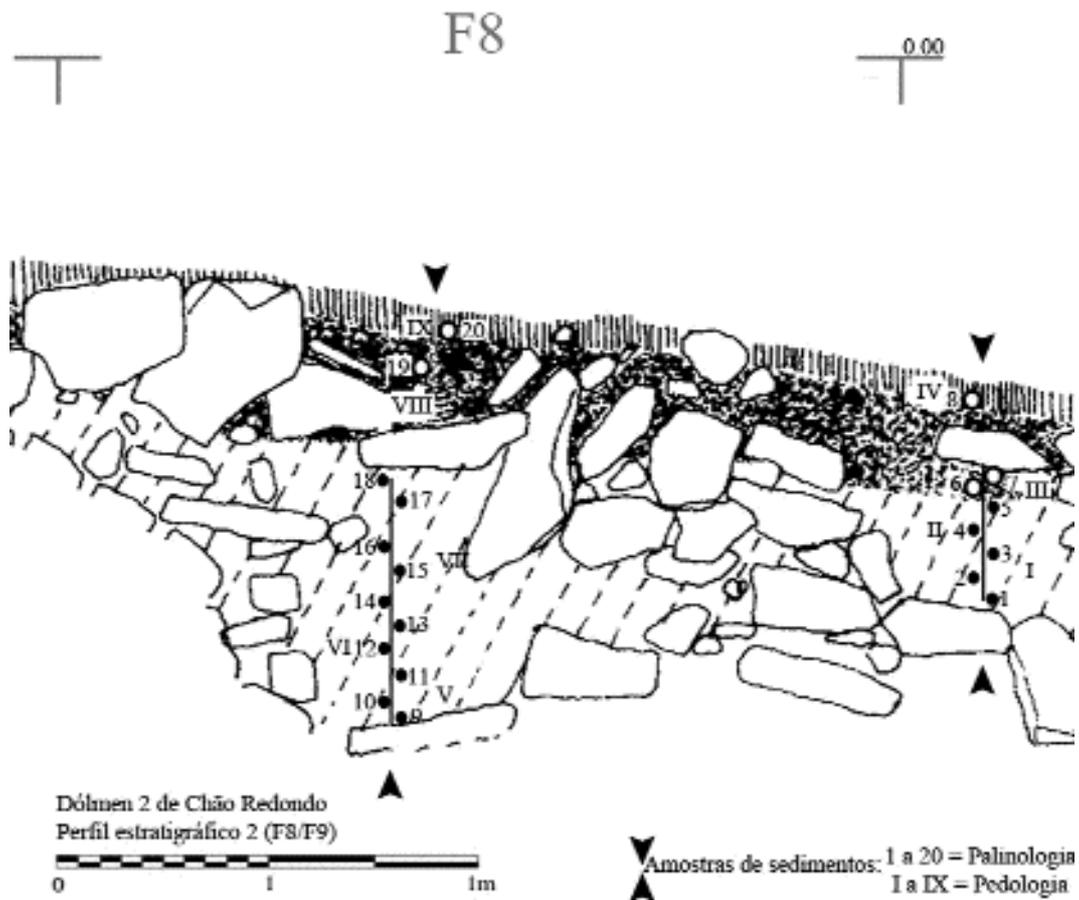


Fig. 8 – Dólmen de Chão Redondo 2. Localização da amostragem de sedimentos no corte estratigráfico 2.

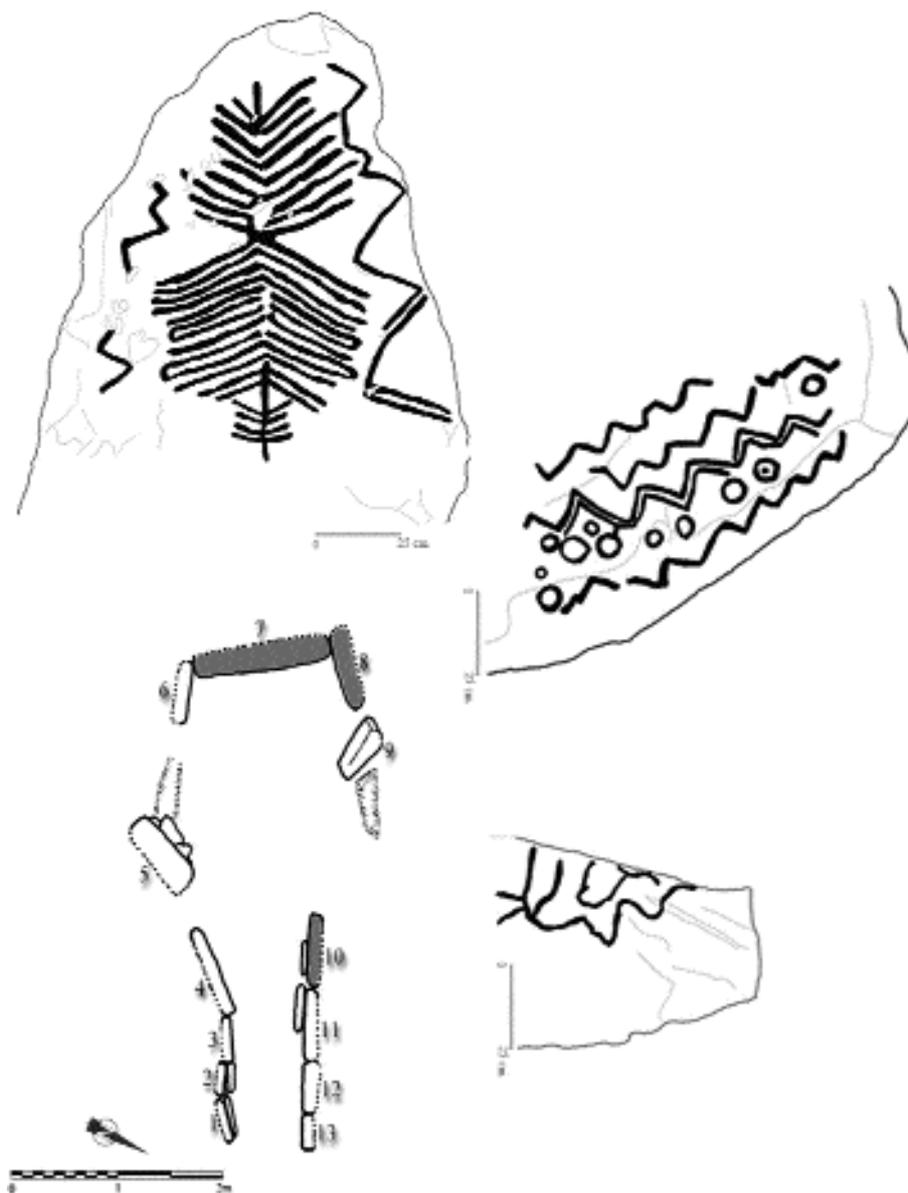


Fig. 9 – Dólmen 2 de Chão Redondo. Planta ao nível de base e pormenor das gravuras patentes nos esteios 7, 8 e 10.



Fig. 10 – Chão Redondo 2 antes dos trabalhos de escavação. Vista de este.



Fig. 11 – Chão Redondo 2 antes dos trabalhos de escavação. Pormenor das gravuras do esteio de cabeceira. Vista de e.ne.



Fig. 12 – Chão Redondo 2. Aspecto da área fronteira após a decapagem e estrutura de condenação. Vista de e.ne.



Fig. 13 – Chão Redondo 2. Corredor intratumular e átrio após a remoção parcial da estrutura de condenação. Vista de este.



Fig. 14 – Chão Redondo 2. Aspecto final da área fronteira. Evidencia-se o anel pétreo de fecho do átrio, o prolongamento dos contrafortes definindo o corredor intratumular e a estrutura que divide simbolicamente os dois espaços. Vista de e.ne.



Fig. 15 – Chão Redondo 2. Sanja o.so. destacando-se o contraforte e o fecho do *tumulus*. Vista de o.so.



Fig. 16 – Chão Redondo 2. Câmara após escavação.



Fig. 17 – Chão Redondo 2. Câmara após consolidação e restauro. Vista de se.



Fig. 18 – Chão Redondo 2. Pormenor das gravuras do esteio de cabeceira. Vista de ne.



Fig. 19 – Chão Redondo 2. Aspecto final. Vista de e.ne.



Fig. 20 – Chão Redondo 2. Vista do interior do corredor, com a cabeceira em segundo plano.

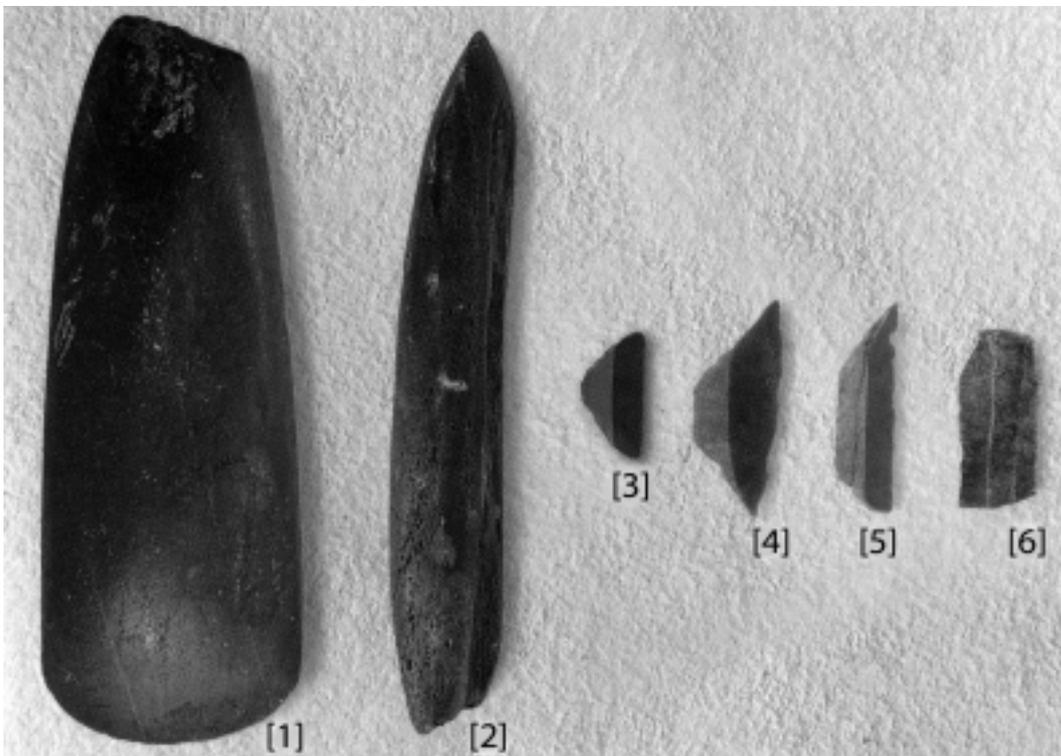


Fig. 21 – Chão Redondo 2. Espólio lítico.

